



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**IAPINARI GABRIEL SOARES**

**NARRANDO SOBRE O ONTEM E SOBRE O AMANHÃ: NARRATIVAS  
INDÍGENAS EM *METADE CARA, METADE MÁSCARA*, DE ELIANE  
POTIGUARA**

MAMANGUAPE/PB

2024

**IAPINARI GABRIEL SOARES**

**NARRANDO SOBRE O ONTEM E SOBRE O AMANHÃ: NARRATIVAS  
INDÍGENAS EM *METADE CARA, METADE MÁSCARA*, DE ELIANE  
POTIGUARA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Federal da  
Paraíba – Campus IV, em cumprimento  
aos requisitos para a obtenção do título de  
Licenciado em Letras/Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Sávio Roberto  
Fonseca de Freitas

MAMANGUAPE/PB

2024

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

S676n Soares, Iapinari Gabriel.

Narrando sobre o ontem e sobre o amanhã : narrativas indígenas em Metade cara, metade máscara, de Eliane Potiguara / Iapinari Gabriel Soares. - Mamanguape, 2024.

65 f. : il.

Orientação: Sávio Roberto Fonseca de Freitas.  
TCC (Graduação) - UFPB/CCAÉ.

1. Povos indígenas. 2. Narrativas. 3. Identidade. 4. Ancestralidade. 5. Literatura. I. Freitas, Sávio Roberto Fonseca de. II. Título.

UFPB/CCAÉ

CDU 82

IAPINARI GABRIEL SOARES

NARRANDO SOBRE O ONTEM E SOBRE O AMANHÃ: NARRATIVAS  
INDÍGENAS EM *METADE CARA, METADE MÁSCARA*, DE ELIANE  
POTIGUARA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal da Paraíba – Campus IV, em cumprimento aos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras/Língua Portuguesa.

Aprovado em: 18 / 10 / 2024

BANCA EXAMINADORA

Sávio Roberto Fonseca de Freitas

Prof. Dr. Sávio Roberto Fonseca de Freitas  
Universidade Federal da Paraíba  
(Orientador)

Milena Veríssimo Barbosa

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Milena Veríssimo Barbosa  
Universidade Federal da Paraíba  
(Examinador 1)

Ângela Silva de Lima

Ângela Silva de Lima  
Universidade Federal da Paraíba  
(Examinador 2)

## DEDICATÓRIA

À Deus, primeiramente. À minha família e amigos, e a todos os Indígenas Potiguaras, meus irmãos de sangue e de luta.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é deixar a memória florescer, é recolher, do tempo, o que escapa ao esquecimento, é gravar no coração o eco do “sim” e fazer da lembrança sincera homenagem.

Por essas razões, meu eterno agradecimento à Deus por minha vida, aos meus pais, Inonata Soares Barbosa e Miguel Gabriel Barbosa, por cada momento dedicado à minha educação, por cada ensinamento, a contar do meu nascimento até hoje. As minhas irmãs, Iara, Rita, e sobrinhos, Iasyara, Ian Iago, Iago, Iane e Maria, especial a minha filha, Ianna Flor, quais são o maior motivo de ir até o final desta batalha.

A minha esposa, Milena Bezerra Marques, por não me deixar desistir, por ter vivido todo momento acadêmico comigo, paciente, compreensiva, insistente e ter acreditado nos meus sonhos, a fazer deles não só projetos, mas acontecimentos.

As minhas amigas, que ao logo dessa caminhada acadêmica, não me deixaram caminhar só, (“vou desistir!”, “você tá nem doido, vamos juntos até o fim, ninguém solta a mão de ninguém”), Aline Silva, Ranielle e Danielle. Trazendo leveza, sorrisos, momentos de choros e muito companheirismo ao longo deste percurso.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Savio Roberto, por ter aceitado orientar esta pesquisa. Gratidão.

Aos professores Prof. Dr. Erivaldo P. do Nascimento, Prof. Dr. Antônio Alberto Pereira, por contribuir na minha evolução acadêmica, em especial o Prof. Dr. Erivaldo, sedo exemplo que levarei para a vida profissional.

Às professoras, Ana Maria Fernandes do Nascimento, Idalina Aparecida Duarte de Lima, por disponibilizar um pouco do seu tempo, em sala de aula, para como estagiário, participar de momentos enriquecedores para minha trajetória acadêmica.

Aos docentes e colaboradores desse Departamento de Letras e Educação da UFPB e de todos do Campus-IV.

A todos aqueles que coadjuvaram, que acreditaram não só no projeto, mas no sonho, tornando a execução deste sonho uma tarefa menos árdua.

## EPIGRAFE



O indígena brasileiro não pode ser mais idolatrado na sua cultura e arte, nas suas fotografias, nas suas artes cinematográficas, nas suas expressões literárias e orais e ser literalmente ignorado a sua condição física, humana, social e política (Potiguara, 2018, p. 105).

**NARRANDO SOBRE O ONTEM E SOBRE O AMANHÃ: NARRATIVAS  
INDÍGENAS EM *METADE CARA, METADE MÁSCARA*, DE ELIANE  
POTIGUARA**

SOARES, Iapinari Gabriel<sup>1</sup>

FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de<sup>2</sup>

**RESUMO**

Durante muitos anos, o que a maioria da população brasileira sabia sobre os povos originários, incluindo suas manifestações literárias, era apresentado por antropólogos e pesquisadores não pertencentes à cultura indígena. Na contemporaneidade, escritores indígenas, como Ailton Krenak, Eliane Potiguara, Daniel Munduruku, Julie Dorrico, Graça Graúna, entre outros, passaram então a utilizar a literatura para denunciar os horrores que sofreram por décadas desde o processo chamado colonização e que no presente ainda sofrem. Essa é a oportunidade que os povos originários possuem de reescrever a sua história através de seus protagonistas, pois as obras literárias produzidas por autores indígenas proporcionam a chance de narrar uma versão diferente de suas tradições, que, ao longo do tempo, foram deturpadas por aqueles que se apropriaram de maneira alheia. A presente pesquisa delimita-se à análise de como a narrativa de Eliane Potiguara na obra *Metade Cara, Metade Máscara*, contribui com a valorização da ancestralidade perpetuada através da oralidade, e a preservação da identidade cultural indígena, utilizando a literatura como um instrumento de resistência e valorização da cosmovisão indígena. Os principais aportes teóricos que embasaram esta pesquisa foram compostos por autores como Munduruku (2019), Graúna (2013; 2014), Krenak (2019), Marques, Simas e Silva (2019), dentre outros, em sua maioria compostos por escritores indígenas. A metodologia utilizada na pesquisa foi a bibliográfica de natureza qualitativa, buscando em material já existente o aporte teórico para a construção desta análise. Os principais resultados apontam que a narrativa de Eliane Potiguara confere grande ênfase à valorização da ancestralidade, perpetuada através da tradição oral e hoje, escrita e reescrita. A partir da preservação da identidade indígena através dos ensinamentos repassados por sua família, descritos na obra, Eliane utiliza sua escrita para reafirmar estas memórias, resgatar a identidade individual e coletiva, que por muitos anos foram silenciadas pelos colonizadores. Por fim, conclui-se que a obra *Metade Cara, Metade Máscara* é de grande importância no cenário literário indígena brasileiro na discussão da identidade, ancestralidade e preservação da cultura indígena.

Palavras-chave: Povos Indígenas. Narrativas. Identidade. Ancestralidade. Literatura.

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de Licenciatura em Letras Português da Universidade Federal da Paraíba, CCAE, Campus IV.

<sup>2</sup> Prof.º Dr. do Departamento de Letras da Universidade Federal da Paraíba, CCAE, Campus IV.

# **NARRATING YESTERDAY AND TOMORROW: INDIGENOUS NARRATIVES IN *METADE CARA, METADE MÁSCARA* BY ELIANE POTIGUARA**

SOARES, Iapinari Gabriel

FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de

## **ABSTRACT**

For many years, what the majority of the Brazilian population knew about Indigenous peoples, including their literary expressions, was presented by anthropologists and researchers who did not belong to Indigenous cultures. In contemporary times, Indigenous writers such as Ailton Krenak, Eliane Potiguara, Daniel Munduruku, Julie Dorrico, Graça Graúna, among others, began to use literature to denounce the horrors they have suffered for decades since the process known as colonization, and which they still endure today. This research focuses on analyzing how Eliane Potiguara's narrative in *\*Metade Cara, Metade Máscara\** contributes to the appreciation of ancestry perpetuated through orality and to the preservation of Indigenous cultural identity, using literature as a tool for resistance and the affirmation of Indigenous worldview. This represents an opportunity for Indigenous peoples to rewrite their history through their own protagonists, as literary works produced by Indigenous authors offer the chance to narrate a different version of their traditions, which, over time, have been distorted by those who have appropriated them from the outside. The significance also lies in breaking the stereotypes created in Brazilian literature to represent Indigenous peoples. That is, the idealization of Indigenous characters is a stereotype that does not reflect the complexity of real Indigenous cultures. The main theoretical contributions that supported this research were composed of authors such as Munduruku (2019), Graúna (2013; 2014), Krenak (2019), Marques, Simas, and Silva (2019), among others, mostly comprised of Indigenous writers. The methodology used in this research was bibliographic in nature and qualitative, drawing on existing material to provide the theoretical foundation for this analysis. The main findings indicate that Eliane Potiguara's narrative places great emphasis on the appreciation of ancestry, perpetuated through oral tradition and now written and rewritten. Through the preservation of Indigenous identity via the teachings passed down by her family, as described in the work, Eliane uses her writing to reaffirm these memories, to recover individual and collective identity, which had been silenced for many years by the colonizers. Finally, it is concluded that *\*Metade Cara, Metade Máscara\** is of great importance in the Brazilian Indigenous literary landscape in its discussion of identity, ancestry, and the preservation of Indigenous culture.

Keywords: Indigenous Peoples. Narratives. Identity. Ancestry. Literature.

## LISTA DE FIGURAS E ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Quatro níveis de uso da Lei nº 11.654 de 10 de março de 2008.....	19
Figura 2: Ritual Toré na Aldeia Potiguara Laranjeiras, Baía da Traição – PB.....	24
Figura 3: Toré na oca, Aldeia Potiguara Laranjeiras, Baía da Traição – PB.....	25
Figura 4: Eliane Potiguara.....	29
Figura 5: Diagnóstico da população indígena no Brasil.....	31
Figura 6: Figura 5: Página do Livro <i>A Cura da Terra</i> .....	33

## SUMÁRIO

<b>1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>10</b>
<b>2. DA ORALIDADE ANCESTRAL À LITERATURA INDÍGENA: O CONTEXTO POTIGUARA.....</b>	<b>15</b>
1.1. A RELEVÂNCIA DA LEI 11.645/2008 PARA A LITERATURA INDÍGENA ..	15
1.2. MITOS E ORALIDADES INDÍGENAS NO CONTEXTO POTIGUARA .....	22
<b>3. ELIANE POTIGUARA: UMA VOZ FEMININA NA CULTURA INDÍGENA</b>	<b>29</b>
3.1. A PRODUÇÃO LITERÁRIA .....	29
3.2. A FORTUNA CRÍTICA .....	34
<b>4. <i>METADE CARA, METADE MÁSCARA: NARRATIVAS INDÍGENAS DE ELIANE POTIGUARA</i>.....</b>	<b>40</b>
4.1. A ANCESTRALIDADE .....	41
4.2. OS RITOS INDÍGENAS .....	44
4.3. NARRATIVAS INDÍGENAS NA CONTRA-MÃO DO MEMORICÍDIO.....	49
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>59</b>

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O termo Literatura Indígena é utilizado para descrever a produção literária de povos indígenas de todo o mundo, abrangendo diversas formas de expressão escrita, seja por contos, lendas, mitos, poesia, narrativas, ensaios e outros tipos. Essa forma de literatura reflete criticamente a diversidade cultural indígena, incluindo pontos de linguística e história desses povos e constituindo-se como uma herança cultural.

Durante muito tempo, os povos indígenas não tinham lugar na literatura, a história era escrita por homens brancos, de maneira patriarcal e colonizadora. Sobre isso, Pachamama (2020) pontua que “Os povos originários, por muito tempo, foram ‘objeto’ de estudo; tornou-se lugar comum escrever sobre os indígenas, mas nunca com eles, ou mesmos sendo eles os próprios autores” (p. 27). Portanto, a literatura indígena durante muitos anos não foi escrita por indígenas, mas apropriada por outros.

Ao pesquisar sobre os povos originários, encontra-se invisibilidade histórica, lacunas no registro escrito pelos próprios indígenas, e um lugar de inferioridade e passividade na literatura. Contudo, Pachamama (2020) pontua e defende a importância da história dos originários serem escritas por eles próprios, e afirma que “Nosso lugar é na História, na Literatura, nas Ciências, na Geografia, na Biologia, nas Artes, na Poesia. Há uma lacuna, relacionada ao registro escrito por indígenas, que estamos prontas (e prontos) a preencher (Pachamama, 2020, p. 26).

Durante séculos a história, as tradições, a cultura e todo o universo dos povos indígenas era repassado por gerações a partir da oralidade. É inegável a importância desta prática, que é uma forma de preservar também as línguas, revelando identidades das etnias, como o *modus operandi* de cada povo. Munduruku (2020) menciona que os povos indígenas na história valorizavam a fala dos ancestrais, dos avós, e estes priorizaram a fala como transmissora da cultura e das tradições, o que fez com que as novas gerações exercitassem a memória e as histórias vividas, perpassando por gerações.

Conforme Sousa (2019) “A Literatura Indígena contribui para a autoafirmação das tradições e da cultura indígena, autoafirmação étnica de denúncia de diversos tipos de espoliação e de registro da cultura das mais

diversas etnias” (p. 1). Ou seja, ela permite que as comunidades indígenas expressem suas histórias, preserve suas culturas únicas, e documente suas experiências e lutas. Ao fazer isso, a literatura indígena contribui para fortalecer a identidade cultural, destacar as questões enfrentadas e enriquecer a diversidade cultural global.

De acordo com Lima (2016), a literatura produzida por indígenas é uma forma de explicitar os processos de violência e dominação sofridos por esses povos, contudo, também demonstra sua força e fecundidade. Outrossim, destaca a importância de demonstrar a cosmologia do povo indígena sobre suas diferenças, espaços de vida, cultura, entre outros aspectos. A arte, as pinturas, os cânticos, festas e danças, tudo entra na literatura para afirmar a identidade e a riqueza cultural.

Muitas vezes, esta literatura aborda temas relacionados à identidade, espiritualidade, relações com a terra, resistência cultural e social, além de questões contemporâneas enfrentadas pelas comunidades indígenas, como a luta pelos direitos territoriais e culturais. Ela desafia estereótipos e visões eurocêntricas, oferecendo perspectivas únicas sobre o mundo e a experiência indígena. A indígena Potiguara Graça Graúna, escritora e pós-doutora em literatura comparada, menciona sobre a literatura indígena que:

A literatura indígena contemporânea é um lugar utópico (de sobrevivência), uma variante do épico tecido pela oralidade; um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas (escritas), ao longo dos mais de 500 anos de colonização. Enraizada nas origens, a literatura indígena contemporânea vem se preservando na auto-história de seus autores e autoras e na recepção de um público-leitor diferenciado, isto é, uma minoria que semeia outras leituras possíveis no universo de poemas e prosas autóctones (Graúna, 2013, p. 15).

Ou seja, é um espaço em que a oralidade praticada por séculos, perpassando gerações, é posta em escrita. Vozes que foram silenciadas, enraizadas em suas origens, são valorizadas através da literatura, que aos poucos estão saindo da invisibilidade, através da resistência, mas sem esquecer o sofrimento de séculos.

Dentre os autores indígenas que dão visibilidade a ancestralidade, a cultura e vão contra o apagamento histórico que o colonizador por séculos tem

tentado, destaca-se neste estudo Eliane Potiguara, escritora indígena, ativista e educadora brasileira, que através de suas obras, como *Metade Cara, Metade Máscara*, que aqui ganha destaque, trata de temas como a preservação da identidade e da ancestralidade indígena, assim como a resistência a séculos de opressão e violência. Eliane desafia os estereótipos criados sob a cultura indígena, bem como na literatura, atuando na manutenção das vozes ancestrais e na promoção de uma cosmovisão indígena.

A justificativa para este trabalho de conclusão de curso encontra-se na necessária compreensão das narrativas da autora Eliane Potiguara por meio da obra *Metade Cara, Metade Máscara*, identificando como sua escrita contribui para preservar a cultura indígena, a ancestralidade, abordando as gerações passadas e presentes, bem como para desconstruir estereótipos criados e que são prejudiciais para a cultura. A importância deste estudo ainda se dá na quebra de estereótipos criados na literatura brasileira para designar os indígenas, ou seja, essa idealização dos personagens indígenas é um estereótipo que não reflete a complexidade das culturas dos povos autóctones reais.

A escolha do tema em questão se deu pela identificação com a obra de Eliane Potiguara. Como uma pessoa indígena Potiguara da Paraíba, optei por explorar a identidade e a ancestralidade na narrativa da referida autora na obra *Metade Cara, Metade Máscara*, por sentir uma intensa conexão com a história, cultura e com a luta de nossa etnia por respeito e reconhecimento. Ademais, esta pesquisa contribui para o empoderamento da população indígena, reconhecendo suas raízes e conferindo a cultura indígena a devida importância e lugar no mundo.

É na Baía da Traição, na Paraíba, local em que resido, onde a maior parte das aldeias indígenas Potiguaras estão localizadas. Ao total, são 32 aldeias, sendo 80% da população indígena. Esses dados demonstram a força indígena presente no Litoral Norte Paraibano, onde são perpetuados costumes, crenças, ou seja, os ritos e os mitos indígenas Potiguaras. Dessa maneira, celebrar a voz e a ancestralidade dos meus antepassados, bem como a riqueza da bagagem cultural que carregamos hoje, através de nossos costumes cotidianos e da influência de grandes nomes indígenas do Brasil, é uma honra e um prazer muito grande.

Com isso, a escolha desse tema também pretende celebrar a riqueza da literatura indígena através da contribuição importante de Eliane Potiguara, ao mesmo tempo que nos convida a expandir nossa compreensão do mundo através das vozes e histórias que há muito tempo merecem ser ouvidas e apreciadas, nos fornecendo uma cosmovisão indígena.

Diante do que foi exposto, este trabalho tem como principal objetivo a análise de como a narrativa de Eliane Potiguara na obra *Metade Cara, Metade Máscara*, contribui com a valorização da ancestralidade perpetuada através da oralidade, e a preservação da identidade cultural indígena, utilizando a literatura como um instrumento de resistência e valorização da cosmovisão indígena. Para alcançar este objetivo, as representações da ancestralidade e da espiritualidade presentes na obra serão investigados, destacando como a autora resgata esses valores em sua obra.

Ademais, também serão analisados os ritos e mitos descritos no livro, relacionando-os a resistência cultural e entendendo como essas práticas são usadas por Eliane para perpetuar a tradição indígena e resistir ao apagamento cultural que vem sendo causado há séculos em decorrência do colonialismo. Por fim, examinar a maneira como Eliane desconstrói os estereótipos coloniais e ressignifica a figura indígena na literatura brasileira, em que o indígena é autor e protagonista de sua própria história, o que promove uma visão autêntica e plural de sua identidade.

A construção deste trabalho se deu a partir de uma revisão da literatura sobre oralidade, ancestralidade e identidades indígenas através da obra *Metade Cara Metade Máscara*, de Eliane Potiguara. Fontes primárias, como as obras de Eliane, foram citadas e analisadas, assim como fontes secundárias, que são os estudos de diversos outros autores que contribuem com este trabalho, pontuando temas relevantes, em sua maioria, escritores indígenas.

Também foram utilizadas na construção deste trabalho a legislação brasileira, como a Constituição Federal (1988), a Lei nº 11.645/2008 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), enriquecendo o debate teórico aqui levantado. Além disso, a fortuna crítica de Eliane Potiguara foi levantada através de uma pesquisa realizada no Google Acadêmico e Scielo, sendo utilizados diversos estudos que abordam temáticas ligadas às suas obras, principalmente *Metade Cara, Metade Máscara*, aqui analisada.

Com isso, este trabalho está dividido em três grandes tópicos, subdividido em subtópicos para detalhar uma discussão que foi construída a partir da oralidade ancestral, literatura indígena contemporânea, mitos e ritos. Também foi destacada a produção literária de Eliane Potiguara, assim como sua fortuna crítica, e por fim, as narrativas indígenas na contramão do memoricídio.

## 2. DA ORALIDADE ANCESTRAL À LITERATURA INDÍGENA: O CONTEXTO POTIGUARA

### 2.1. A LITERATURA INDÍGENA NAS ESCOLAS E A RELEVÂNCIA DA LEI 11.645/2008 PARA

Durante séculos, a abordagem temática de conteúdos relacionados à cultura indígena encontrou-se marginalizada ou reduzida a mero folclore nas escolas do Brasil, e hoje ainda se encontra marcada por limitações e superficialidades, o que reduz e estereotipa a história de mais de trezentos povos indígenas de forma restrita e simplista. Ao perpetuar esta visão, as escolas negligenciam a diversidade e a riqueza das culturas indígenas, além de direitos contemporâneos e suas demandas atuais.

Neste cenário, o que a maioria da população brasileira sabia sobre os povos originários, incluindo suas manifestações literárias, era apresentado tão somente por antropólogos e pesquisadores não pertencentes à cultura indígena. Entretanto, é fato que, entre os anos 1970 e 1980, os povos indígenas passaram a produzir mais textos literários que permitiram aos leitores pertencentes às mais diversas culturas conhecê-los melhor, a partir de um contexto de constantes movimentos sociais e culturais. As literaturas indígenas em formato escrito surgem vinculadas às grandes transformações no Brasil, na fase em que as ações sociais criam força diante do fim da ditadura militar (Soares, 2021).

Neste movimento, os primeiros impressos indígenas foram publicados no final da década de 70, com Eliane Potiguara como pioneira em seu poema "*Identidade Indígena*", em 1975, que registra sua trajetória e de sua família. Contudo, o marco inicial da literatura indígena ocorreu com a publicação do livro "*Todas as vezes que dissemos adeus*" escrito por Kaká Werá Jekupé, retratando as experiências do autor em dois mundos, o de sua aldeia e o mundo dos brancos (Carvalho e Santos, 2023).

Para o leitor que desconhece a Literatura Indígena Contemporânea, esta surge para a sociedade envolvente a partir da década de 1990, após a promulgação da Constituição Federal de 1988. O advento constitucional permitiu aos sujeitos indígenas o direito à cidadania brasileira sem que para isso os sujeitos nativos precisassem negar sua identidade, podendo

legalmente exercer quaisquer ofícios ou ter qualquer contato com a sociedade nacional. Dessa forma, podemos dizer que os povos indígenas foram os últimos povos a se tornarem brasileiros, brasileiros com cidadania brasileira e identidades indígenas concomitantemente. Isso naturalmente permitiu que os sujeitos indígenas pudessem ocupar as terras da literatura brasileira, ainda não semeadas por escritores originários que demandavam protagonismo para afirmar suas identidades de nações e denunciar as políticas de extermínio e o incentivo delas sobre seus corpos e territórios (Dorrigo, 2022, p. 3).

Os escritores indígenas passaram então a utilizar a literatura para denunciar os horrores que sofreram por décadas e que no presente ainda sofrem. Marca essa reprodução literária a busca pelo reconhecimento e preservação da cultura indígena, buscando visibilidade e respeito na sociedade. Diante desse contexto, vários autores indígenas se destacaram, como por exemplo, Ailton Krenak, Eliane Potiguara, Daniel Munduruku, Julie Dorrigo, Graça Graúna, entre outros, que contrariam os estereótipos construídos sob os indígenas.

Autores como Rodrigues *et al.* (2023) evidenciam que a literatura indígena permeia a resistência e o reencantamento, além de mencionar que antes da escrita alfabética, a palavra era proferida de todas as gentes do cosmos, sendo as pessoas, os animais, os vegetais, e as gentes encantadas. Ou seja:

É sempre preciso lembrar que, antes da letra alfabética, todas as literaturas indígenas não eram escritas, mas inscritas. Inscritas no cosmos, nos ares, pelas vozes; nos corpos, pelos gestos ancestrais de se pintar com urucum, jenipapo e tauá; na terra, pelos passos de dança que desenham nossos caminhos desde antes do antes; nas pedras, pelas letras--desenhos dos antigos encantados como Makunaimî, que a ocidentalidade insiste em chamar de arte rupestre; nas fibras, pelos trançados que transformam em arte as vozes entrelaçadas dessas gentes que continuam conversando, apesar desse hoje ainda tão incerto e de um amanhã ainda mais duvidoso (Rodrigues *et al.*, 2023, p. 15).

Apesar da colonização ter imposto aos povos originários o silêncio de suas vozes, o sangue, impunham também a letra alfabética, contudo, essas gentes que hoje são chamados indígenas não esqueceram suas origens, suas línguas originárias, que permanecem em uso nos avós que contam histórias a

seus netos, nas mães que embalam seus filhos nas redes, e em vários contextos diários.

Graça Graúna menciona que por muito tempo, perpetuando até os dias atuais, os direitos dos povos indígenas de vivenciar seus costumes, suas organizações sociais, de demonstrar amor a sua terra, suas crenças e manifestações não são considerados completamente. Contudo, apesar dos valores dominantes, “[...] o jeito de ser e de viver dos povos indígenas vence o tempo: a tradição literária (oral, escrita, individual, coletiva, híbrida, plural) é uma prova dessa resistência” (Graúna, 2013, p.15).

A criação de estereótipos e a invisibilidade da população indígena é histórica em todos seus aspectos, sejam sociais, culturais, políticos, educacionais. Em muitas localidades, as populações indígenas não eram reconhecidas como tal, mas como populações rurais, o que não considerava sua etnia e seus valores. Hoje, ainda podemos observar que as escolas municipais localizadas nas aldeias das cidades de Rio Tinto, Marcação e Baía da Traição, PB, são consideradas rurais, e não indígenas, apenas as escolas estaduais são consideradas indígenas. Podemos destacar os estereótipos criados sobre os indígenas no decorrer da história, bem como a invisibilidade da etnia indígena aos olhos das autoridades governamentais a partir deste trecho:

Ocorre que, à época, aos olhos das políticas públicas, ali não havia índios. Todas as populações eram consideradas rurais. As escolas, os professores e os alunos, embora todos fossem falantes de suas etnias indígenas, eram denominados e tratados como rurais (Baniwa, 2016, p. 16).

Atualmente, vemos a recorrência nas escolas do país a abordagem da temática indígena durante a segunda e terceira semanas de abril, em que se passa o “Dia do Índio”, e em comemoração, são feitos cocares com penas coloridas, pinturas corporais, músicas e histórias, entre outras atividades superficiais, que permitem uma visão reducionista e perpetua ideias ultrapassadas e estereotipadas, representando este povo como seres primitivos, desvinculados da realidade e isolados em florestas (Russo e Paladino, 2016).

O Dia do Índio nasce com a influência do indigenismo, que carrega em sua essência a escolha de uma data no calendário anual que sirva para abordar a vivência destes grupos étnicos, que são na verdade os povos originários do

país. A criação genérica de um dia específico para tratar da história destes obscurece as especificidades culturais e as lutas políticas dos povos indígenas, não refletindo sua verdadeira cultura e importância na composição do povo brasileiro, perpetuando discursos e atitudes estereotipadas (Bicalho; Maciel; Oliveira, 2022).

Diante disso, a Lei nº 11.654 de 10 de março de 2008, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96, significou a inclusão no currículo oficial das redes de ensino brasileiras, com obrigatoriedade, o ensino das temáticas História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. O artigo prevê que:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. § 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras (Brasil, 1996, p. 21).

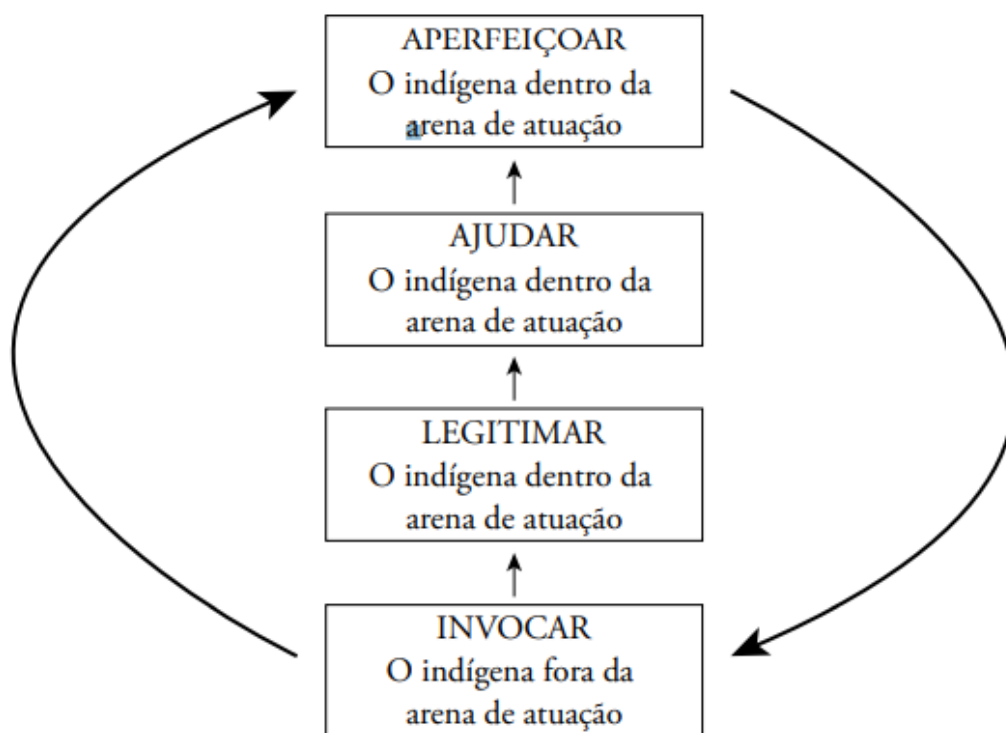
Ou seja, os conteúdos que passam a ser obrigatórios evidenciam a construção do povo brasileiro através das heranças genéticas e culturais desses povos, o que é um marco importante para a população negra e indígena, desafiando a visão eurocêntrica, promovendo uma abordagem mais inclusiva e plural. Ao reconhecer a importância da população indígena, esta lei incentiva o debate crítico das narrativas dos povos originários nas escolas, valorizando a diversidade cultural do Brasil.

Além do reconhecimento da diversidade étnica, há também, a partir desta lei, o incentivo ao combate a estereótipos e preconceitos perpetuados historicamente sobre os povos indígenas, pois, ao ensinar corretamente sobre a cultura indígena, a criança, o adolescente e o adulto se tornará mais consciente da importância desses povos na construção da sociedade atual, garantindo

também uma educação inclusiva e plural, através do resgate histórico, fortalecendo a identidade nacional.

Ademais, a legislação propõe que os conteúdos programáticos de toda a educação básica, nas disciplinas citadas, e em todos os sistemas de ensino, abordem as temáticas indígenas e afro-brasileiras em aspectos que resgatem suas contribuições nos âmbitos econômico, cultural, social, político e histórico. Krenak (2019) pontua que existem quatro níveis de uso dessa lei, evidenciado no esquema feito por ele, ilustrado abaixo:

Figura 1: Quatro níveis de uso da Lei nº 11.654 de 10 de março de 2008.



Fonte: Krenak, 2019.

Interpretando a figura, entende-se que o autor explica que, invocar a lei é necessitar de espaço e oportunidade para frequentar escolas e universidades. Legitimar a lei significa legitimar o discurso do indígena, ou seja, justificar, fortalecer e oferecer uma base legal. O terceiro nível é ajudar, “é quando as instituições são ajudadas por agentes indígenas a aplicar/obedecer/seguir a lei” (Krenak, 2019, p. 10). O quarto e último nível é aperfeiçoar, e representa o recebimento do Estado das experiências indígenas e seu reconhecimento para então aperfeiçoar a legislação.

Para compreender a linha temporal que orienta o processo da implementação desta lei, é importante destacar alguns fatos. Conforme mencionado anteriormente, a partir da Constituição Federal de 1988, progressos significativos foram visualizados para o movimento indígena no país, como a demarcação de suas terras e educação escolar em línguas indígenas, além do português oficial do país, o que fez com que houvesse um respeito a suas culturas e tradições. Além de fortalecer suas reivindicações, o Plano Nacional de Educação (PNE) incluiu em 2001 a educação escolar indígena, institucional, sistemática e organizada.

Com isso, ao longo dos anos 2000, projetos de formação para professores indígenas surgem com o intuito de fomentar uma formação específica para atuar na educação indígena. Ao longo do país, parcerias com universidades públicas e secretarias de educação foram sendo firmadas a fim de alcançar esse objetivo comum, e esses passos culminaram na promulgação da Lei nº 11.645/2008.

Essa implementação impactou de maneira substancial a literatura indígena, visto que promove o reconhecimento, disseminação de narrativas e a valorização dos saberes e das tradições dos povos originários do país. A inclusão dos conteúdos relacionados a história e cultura desses povos permite que a literatura indígena tenha legitimidade como campo de produção intelectual e artística, o que contribui fundamentalmente para a compreensão da identidade brasileira (Carvalho e Santos, 2023)

Essa literatura oportuniza contar a história dos indígenas através de seus protagonistas, pois as obras literárias criadas por autores indígenas proporcionam a chance de narrar uma versão diferente das nossas tradições, que, ao longo do tempo, foram deturpadas por aqueles que as apropriaram de maneira alheia, convertendo-as em meros elementos folclóricos, tendências passageiras na literatura, e justificativas nacionalistas que causaram consideráveis danos e distorções à nossa história (Souza, 2018).

A importância desta literatura ainda se dá na quebra de estereótipos criados na literatura brasileira para designar os indígenas. E como menciona Thiél (2012) Os autores das obras indianistas não são de origem indígena. Obras como "O Guarani" e "Iracema," escritas por José de Alencar, se enquadram nessa categoria. Na obra de Iracema, a mulher indígena é retratada como uma figura exótica, pura, bela e misteriosa, muitas vezes associada a elementos da

natureza, como “virgem dos lábios de mel”. Essa idealização da personagem indígena é um estereótipo que não reflete a complexidade das culturas indígenas reais (Silveira, 2009).

Esses e outros estereótipos foram criados sob os indígenas na literatura, além da invisibilidade histórica, ausência de registros escritos produzidos pelos próprios indígenas e uma representação de inferioridade e passividade na literatura (Pachamama, 2020). Com isso, Santos (2023) considera que os escritores indígenas individuais sentem a necessidade de escrever para proteger sua identidade, preservar sua visão de mundo, manter suas tradições e compartilhar seus conhecimentos tradicionais. Escrever representa uma maneira de eliminar intermediários e intérpretes indesejáveis, uma forma de se expressar e interagir em pé de igualdade com a sociedade circundante.

Diante do que foi discorrido neste tópico, verifica-se vantagens que foram alcançadas a partir da publicação da Lei nº 11.654 de 10 de março de 2008, como também sugestões para melhorias. Como vantagens, temos o fortalecimento da cultura indígena, pois ao integrar estes conteúdos no currículo escolar, cada vez mais crianças e jovens terão acesso às verdadeiras raízes culturais dos povos originários do Brasil, além de desenvolver um maior respeito e valorização da diversidade étnica presente no país.

Ademais, esta inclusão nos currículos abre espaço para a ampliação de textos literários de autores indígenas, promovendo uma espécie de “descolonização” do currículo escolar, superação da visão eurocêntrica da educação, o que inclui as narrativas dos povos indígenas, que historicamente foi marginalizada e considerada mero folclore. Adicionalmente, temos a abertura para a ampliação do mercado literário indígena e o diálogo intercultural, visto que incentiva editoras a abraçarem autores indígenas, valorizando ainda mais suas obras, entendendo a importância da coesão social e enfrentamento dos preconceitos.

No entanto, melhorias podem ser pensadas para que esta lei ganhe maior efetividade, tal como o investimento em formação inicial e continuada para professores atuarem nas disciplinas de História e Geografia com as temáticas indígenas e afro-brasileiras, obtendo um maior conhecimento sobre o conteúdo, que deve ir além do conhecimento teórico, e incluir práticas pedagógicas eficazes. Borniotto, Alves e Faustino (2016) comentam que além da formação de

professores, ainda deve-se pensar na ausência de recursos didáticos para trabalhar em sala de aula, assim como projetos que se adequem às realidades plurais.

É pontuado por Russo e Paladino (2016) que mesmo após a implementação da lei, a formação inicial do professor para atuar com tais temáticas é escassa, assim como conteúdos nos livros didáticos que abordem de maneira significativa a cultura indígena. Diante disso, verifica-se que ainda há muito a alcançar no âmbito educacional para a comunidade indígena.

## 2.2. MITOS E ORALIDADES INDÍGENAS NO CONTEXTO POTIGUARA

Contar histórias é uma prática ancestral, enraizada nos povos originários do país e se perpetua através da oralidade. Os indígenas Potiguaras durante séculos transmitiram seus conhecimentos, ensinamentos, culturas, ritos e mitos de maneira oral, de geração para geração até a inserção da escrita alfabética em sua cultura após a chegada dos portugueses no Brasil. Contudo, durante todo o histórico dos povos indígenas Potiguaras, os mitos e a oralidade estiveram presentes, permanecendo nos dias atuais como parte fundamental de sua cultura, patrimônio imaterial e imensurável para os que creem e vivem na cultura indígena (Barbosa e Santos, 2018; Ribeiro, 2015).

Vários autores no decorrer da história descreveram o significado dos mitos, como o antropólogo Levi Strauss (1955; 1978), que considera o mito como uma representação, um pensamento estruturante que demonstra a forma dos seres humanos enxergarem e perceberem o mundo. Considera-o uma linguagem, utilizada para entender e resolver indagações e contradições sobre morte, vida, bem e mal, natureza, cultura, entre outros aspectos.

Outros consideram o mito como uma história sagrada, conforme menciona Eliade (2002):

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do princípio. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição (Eliade, 2002, p. 11)

Ou seja, é uma narrativa sobre a obra do divino, as erupções do sagrado. Eram distintos do profano nas sociedades arcaicas e considerados como verdadeiros, pois modificavam a realidade do ser humano, ao contrário das falsas histórias, que não determinam sua essência. Monfardini (2005, p. 3) considera que “Da mesma forma que o homem moderno é constituído pela História, o homem primitivo é constituído pelos eventos que os mitos relatam”. Destaca ainda que os mitos são assentados na intemporalidade, ao contrário da história que é linear e irreversível.

Em resumo, o mito é uma narrativa que explica aspectos relacionados a vida, a natureza, a existência humana e fazem parte de diversas culturas em todo o mundo, assumindo um importante lugar na transmissão de valores, crenças, ensinamentos e visão de mundo. Não podem ser considerados apenas histórias antigas, pois refletem a maneira como a sociedade ou grupos entendem e interpretam o mundo a sua volta, bem como sua própria existência, ajudando a construir a identidade cultural dos povos.

A população indígena desde a colonização trava lutas a fim de manter suas raízes vivas, sua cultura, seus direitos e seus mitos, perpassando gerações. As vivências e experiências narradas pelos anciões por séculos exaltam a importância da oralidade na transmissão da história do povo Potiguara, e os mitos carregam uma cultura significativa, que auxilia o fortalecimento e a identidade do povo, destacando-se os anciões, que se encarregam de narrar histórias cheias de personagens sobrenaturais, como verdadeiros guardiões dos mitos de cada comunidade (Barbosa, 2021).

A tradição dos mitos com o sobrenatural está enraizada na cultura indígena Potiguara, procurando perpetuar seus costumes, suas crenças, suas memórias. Além de questões ligadas à espiritualidade e religiosidade, os mitos Potiguaras também representam entidades míticas, que pertencem ao imaginário cultural, como a Cumade Fulorzinha (Caipora do mato), Pai do Mangue, Botija, Mãe d'Água (Yara), Procissão da Meia Noite, As Bruxas de Coqueirinho, Rasga Mortalha, O Gritador, O Assobiador, O Boto, entre outros (Marques; Simas; Silva, 2019).

O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares, isto é, podem ser vistos de muitas maneiras, explicar origens, revelar e guardar segredos, responder inquietações, perpetuar tradições, culturas e identidades (Eliade, 2002, p. 11).

Então, os mitos Potiguaras foram perpassados por gerações e estão enraizados na oralidade, contudo, nos dias atuais há produções escritas que descrevem os mitos, a cultura, a ancestralidade em forma de literatura, para que cada vez mais pessoas tenham acesso ao rico acervo cultural Potiguara, ou seja, os registros escritos nascem na intenção de expandir e compartilhar as narrativas para diferentes públicos e em diferentes localidades e meios de transmissão, preservando e perpetuando a cultura para gerações futuras.

No contexto dos indígenas Potiguaras, os mitos revelados em práticas religiosas são executados através do ritual do toré, que exprime uma confraternização das lutas, sofrimentos e perseguições sofridas por este povo no decorrer de suas histórias. A dança e o entoar dos cânticos Potiguaras despertam os espíritos ancestrais, as entidades míticas e rogam resistência ao Deus tupã. O toré é hoje, uma das práticas míticas mais representativas do povo Potiguara (Barcellos, 2014).

Para o indígena Potiguara, os mitos representam a manutenção de seu povo, a descrição de sua cultura, de sua realidade social e de sua história, assim como a espiritualidade, sendo peça integrante e fundamental na rememoração da cultura Potiguara e uma verdade irrefutável e absoluta (Barcellos, 2014). O toré, como um rito, concretiza o sagrado dentro da cultura indígena, “o rito abole o tempo profano e recupera o tempo do mito” (Brandão, 1986, p. 40)

A figura 2 demonstra a imagem do Toré, ritual mítico realizado na Aldeia Indígena Potiguara Laranjeiras, localizada na cidade de Baía da Traição, Paraíba.

Figura 2: Ritual Toré na Aldeia Potiguara Laranjeiras, Baía da Traição – PB.



Fonte: Acervo do pesquisador, 2024.

Figura 3: Toré na oca, Aldeia Potiguara São Francisco, Baía da Traição – PB.



Fonte: Acervo do pesquisador, 2024.

Sendo uma das principais práticas religiosas, o toré referencia a etnicidade, atua como mantenedor da cultura, vivências, fé, lutas e reforça a

memória do povo Potiguara. A outra vertente dos mitos Potiguaras encontra-se nas entidades míticas, consideradas encantadas, que de acordo com Cardoso e Guimarães (2012) são

“seres” frutos de transformações humanas [...] Os encantados são “donos” dos ambientes, ora sendo chamados de pai ou mãe, ora por dono dos bichos, ou somente encantados e são vistos tanto pelo perigo ou pela proteção. O perigo advém da relativa periculosidade e imprevisibilidade ao se adentrar no ambiente “controlado” pelo encantado, gerando um “temor” quanto ao que pode acontecer, ainda mais quando ele está ciente que não cumpriu certos requisitos morais e éticos perante esta entidade. Por outro lado, estes seres invisíveis são percebidos por suas ações como protetores ou cuidadores dos animais sob seus domínios, com os quais as pessoas podem estabelecer relações de troca e simpatia (Cardoso e Guimarães, 2012, p. 57).

Uma obra escrita por Marques, Simas e Silva (2019) reuniu nove histórias ancestrais do povo Potiguara, ou seja, nove mitos que foram perpetuados de geração em geração pelos indígenas que se localizam nas aldeias do Litoral Norte Paraibano. Antes de adentrarem às histórias, reúnem informações sobre a população indígena local, afirmando que a maior parte dessa população se encontra principalmente nas cidades de Rio Tinto, Marcação e Baía da Traição, em 32 aldeias que correspondem a uma área de 33.752 hectares, sendo 80% da população da Baía da Traição e Marcação e cerca de 10% da população de Rio Tinto.

Discorrem que “Os Potiguara também desenvolveram uma vasta tradição oral, com características próprias, que nos traz histórias dos mais variados contextos, experiências da comunidade ao longo de anos de existência” (Marques; Simas; Silva, 2019, p. 12). Dentre as histórias, “o Pai do Mangue, a Cumade Fulozinha, o Lobisomem, o Pesador, a Botija Encantada, a Mão Cabeluda, o Haja-Pau, as Bruxas de Coqueirinho entre outras” (p. 12).

O mito do “Pai do Mangue” descreve a imagem de um senhor que possui trajes de pescador, um chapéu grande que impede de enxergar sua face e fuma um cigarro que não se apaga. Para os pescadores locais, esta entidade mítica representa pescaria farta, mas para que isso ocorra, deve ser deixado na beira do mangue um pouco de fumo para satisfazer-lhe, e caso contrário, o pai do

mangue pode confundir os pescadores com assobios e luzes, fazendo-os se perderem como castigo.

Também é descrita nesta obra o mito da “Cumade Fulozinha”, que representa uma menina com a aparência de 10 anos, pele clara e cabelos compridos, que protege as florestas contra a maldade humana e os animais contra a caça. Sua existência é comprovada, a partir dos relatos dos moradores locais, que afirmam que esta menina trança os rabos dos cavalos e dá surras nos cachorros de caça.

Outro mito registrado é o da “Mão Cabeluda”, que é registrado por muitos moradores das aldeias cortadas pelo Rio Sinimbu, que banha a Caeira, Camurupim, Tramataia, Santa Rita, Laranjeira, Forte e possui estuário no Rio Mamanguape. Esta mão costuma ser vista no rio, puxando os banhistas pelo pé, e justifica-se pela quantidade de pessoas que morreram afogadas no rio. Contudo, só é arrastado aquele que desrespeita o rio e falam palavrões dentro dele.

Muitas outras histórias são repassadas pelos Potiguaras através da oralidade nas aldeias, representando os mitos deste povo. Além da oralidade, hoje estas histórias e toda a cultura dos povos indígenas são perpassados também de forma escrita, afirmado por Munduruku que não é a negação da cultura oral, mas uma técnica, um aperfeiçoamento, e diz:

Técnica não é negação do que se é. Ao contrário, é afirmação de competência. É demonstração de capacidade de transformar a memória em identidade, pois ela reafirma o ser na medida em que precisa adentrar no universo mítico para dar-se a conhecer ao outro. Há um fio muito tênue entre oralidade e escrita, disso não se duvida. Alguns querem transformar esse fio numa ruptura. Prefiro pensar numa complementação. Não se pode achar que a memória não é atualizada. É preciso notar que a memória procura dominar novas tecnologias para se manter viva. A escrita é uma delas (isso sem falar nas outras formas de expressão e na cultura, de maneira geral). E é também uma forma contemporânea de a cultura ancestral se mostrar viva e fundamental para os dias atuais. (Munduruku, 2018, p. 83).

Diante disso, a oralidade não foi substituída pela escrita, mas a escrita foi adicionada à cultura indígena como uma forma de perpetuar a memória em diferentes locais, culturas e tempos. Ou seja, coexistem e se complementam. A prática da oralidade preserva a existência do ancestral, mantêm vivo e dinâmico,

enquanto a escrita coloca-se como um recurso adicional, ampliando o acesso aos saberes históricos, possibilita a transmissão par além das aldeias e das gerações. Incorporar a escrita significa abrir novas possibilidades, sem perder o vínculo com as raízes, pois a escrita não representa uma ruptura com a prática oral, mas uma extensão, que permite ao indígena manter-se presente no mundo inteiro, seguindo a modernização dos meios de comunicação, em um mundo cada dia mais globalizado.

Diante desse cenário, entende-se a importância dessas duas formas de expressão: a oralidade e a escrita, que dialoga com outras culturas e se perpetua de maneira acessível a diferentes públicos. Desse modo, a escrita fortalece a identidade indígena e assegura que a memória coletiva continue sendo uma referência fundamental para os indígenas e para a sociedade como um todo.

### **3. ELIANE POTIGUARA: UMA VOZ FEMININA NA CULTURA INDÍGENA**

#### **3.1.A PRODUÇÃO LITERÁRIA**

Eliane, nascida em 1950, tem origem étnica Potiguara e sua trajetória na luta pela causa indígena é vasta e importante, assim como seu currículo, demonstrando que viveu e vive sua vida em prol da causa. Além de escritora indígena, Eliane é professora, contadora de histórias, mãe e avó. De acordo com as informações contidas em seu site, fundou o Grupo Mulher-Educação Indígena (GRUMIN) em 1988 e é membro fundadora do Enlace Continental de Mujeres Indígenas (ECMIA). Participou da elaboração da Declaração Universal dos Direitos Indígenas da ONU por diversos anos, foi indicada ao Nobel da Paz em 2014, e discutiu a questão dos direitos indígenas, assim como a preservação da cultura e ancestralidade em diversos encontros, fóruns, diretrizes, e outros eventos de nível nacional, internacional e políticos.

Figura 4: Eliane Potiguara.



Fonte: Site Eliane Potiguara.

Sua trajetória é grande e de luta pelo seu povo e por todos os povos indígenas, e no decorrer dessa história, escreveu livros, cartilhas, poemas, que se constituem como um grito poético por justiça e valorização do seu povo, assim como a garantia dos direitos. Sua produção é composta pelas obras: *A Terra é Mãe do Índio* (1989), pela cartilha de alfabetização *Akajutibiró: Terra do Índio Potiguara* (1994); seu carro chefe que é o livro *Metade Cara, Metade Máscara* (2004); *Sol do Pensamento* (2005); o livro infantil *O coco que guardava a noite* (2012); *O Pássaro Encantado* (2015); também lançou *A cura da Terra* (2015) e uma coletânea de outros textos e poemas.

Vale ressaltar que Eliane recebeu em dezembro de 2021 o título de Doutora “Honoris Causa” do Consuni da Universidade Federal do Rio de Janeiro, título importante e merecido devido seu grande empenho, estudos e publicações sobre a causa indígena. Isso demonstra a importância de Eliane Potiguara no cenário literário brasileiro e mundial. Os títulos e a importância no cenário político foram conquistados com muito esforço, dado o histórico de adversidades em toda sua vida, desde a infância.

Durante toda a vida, Eliane lutou pela sua sobrevivência. Assim como vários outros indígenas Eliane foi vítima de perseguições, resquícios da colonização. Sua obra possui grande relevância porque além de enriquecer a escrita literária indígena, desempenha um importante papel na conscientização, empoderamento e promoção de direitos indígenas. Sua escrita carrega o poder da ancestralidade, da sabedoria de seus antepassados, e em várias de suas narrativas menciona a luta de sua família, que migrou para Pernambuco devido a violências sofridas pelo colonizador em terras Potiguaras (Silva Filho e Sales, 2020).

Os estudos de Potiguara (2019), autora foco desta pesquisa, evidencia que no Brasil a vida indígena não possui visibilidade, pontuando também a questão das mulheres indígenas, revelando que estas sofrem como objetos sexuais, do tráfico. Souza (2021) considera que “[...] a poética de Eliane Potiguara é, praticamente, um grito poético por justiça, reconhecimento e valor para seu povo” (p. 7).

Uma prova concreta do sofrimento enfrentado pela população indígena, caso o qual Eliane em suas narrativas muito denuncia, é o decréscimo da

população indígena no decorrer dos anos, desde a colonização, conforme ilustra a tabela abaixo, que possui dados extraídos da FUNAI.

Figura 5: Diagnóstico da população indígena no Brasil.

**Tabela 1 - Estimativas da população indígena no Brasil**

Fonte: Funai

Ano	População Indígena	% População Total
1500	5.000.000	100,00
1570	800.000	94,00
1650	700.000	73,60
1825	360.000	9,14
1940	200.000	0,40
1950	200.000	0,37
1953	150.000	0,30
1957	70.000	0,10
1979	210.000	0,17
1980	227.801	0,19
1995	330.000	0,20
2000	358.397	0,20
2005	450.000	0,20

Fonte: Azevedo, 2008.

Com isso, entende-se que até a década de 70 os povos indígenas eram uma categoria transitória, e as políticas públicas não eram direcionadas a seus direitos, mas sim a sua integração à sociedade nacional, ao bem comum social, feita inicialmente pela colonização, passando à escravização e catequização. Dado o exposto, entende-se que Eliane utiliza de sua literatura para discutir esses temas, que são relacionados às lutas de seu povo no decorrer da história, como também busca preservar sua cultura através da valorização da ancestralidade.

Seu poema *Identidade Indígena*, escrito em 1975 e presente na sua obra *Metade Cara, Metade Máscara*, afirma a importância de preservar a identidade indígena, como também evidencia a luta pela sobrevivência. Parte do poema diz:

Nosso ancestral dizia: temos vida longa!  
Mas caio da vida e da morte  
E range o armamento contra nós  
Mas enquanto eu tiver o coração aceso  
Não morre a indígena em mim e

Nem tão pouco o compromisso que assumi  
Perante os mortos  
[...]  
Carrego o peso da família espoliada  
Desacreditada, humilhada  
Sem forma, sem brilho, sem fama  
[...]  
Mas não perdemos o amor.  
Porque temos o coração pulsando  
Jorrando sangue pelos quatro cantos do universo.  
Eu viverei 200, 500 ou 700 anos  
E contarei minhas dores pra ti  
Oh! Identidade  
E entre um fato e outro  
Morderei tua cabeça  
Como quem procura a fonte da tua força  
Da tua juventude  
O poder da tua gente  
O poder do tempo que já passou  
Mas que vamos recuperar (Potiguara, 2019, p. 113).

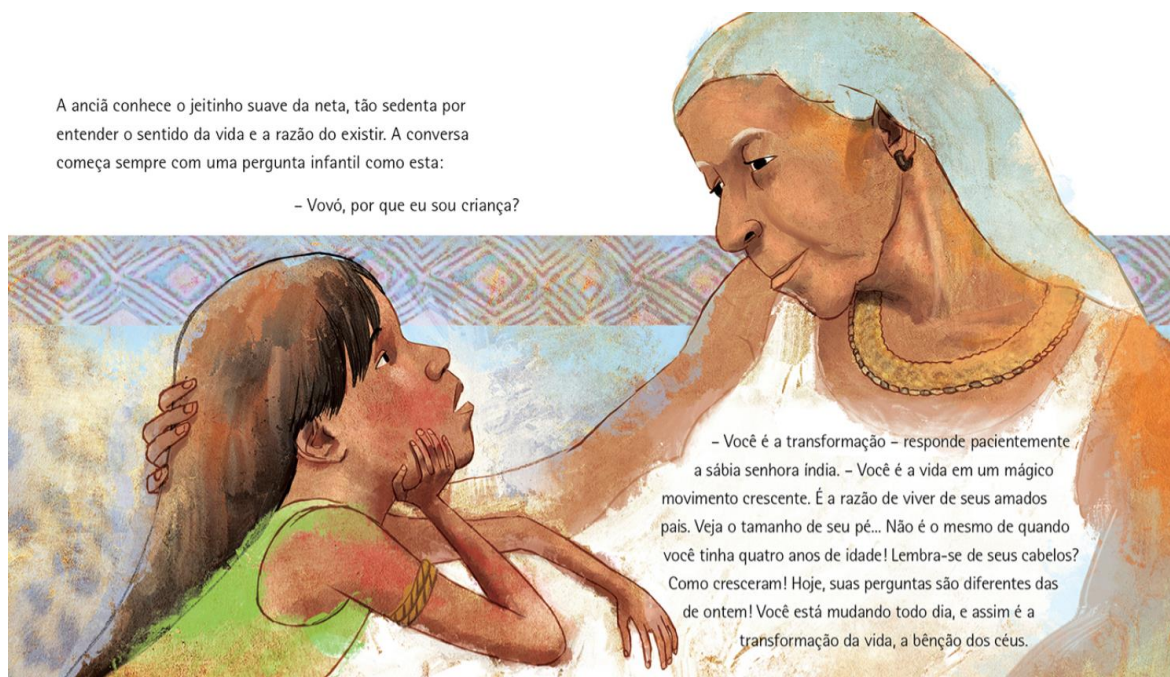
A voz do poema é a de Eliane Potiguara, que evoca a memória coletiva quando inclui seus ancestrais no texto do poema. O poema é intenso, rememora a imigração, o massacre, as dores sofridas e a diminuição dos indígenas. Contudo, busca força na identidade, a quem conta suas dores e recebe acalento. Menciona também que o sumo da ancestralidade alimentará o povo indígena, ou seja, o compromisso com seus ancestrais permanecerá firme em sua luta.

Sousa (2019) considera que a luta de Eliane é política e dá voz aos povos indígenas. A narrativa de Eliane explana a urgência de visibilizar os povos indígenas, de reconhecer sua bagagem cultural, seus costumes e tradições. Explicita a necessidade de demarcação de suas terras, para que seu povo possa usufruir do que é seu por direito. Contudo, essas questões são trazidas em outras obras de Eliane, como *A Cura da Terra* (2015), que conta a história de uma índia chamada Moína, que nos braços aconchegantes de sua avó, ouve histórias sobre seu povo. Sua avó lhe conta sobre as invasões dos territórios indígenas e fala sobre as feridas causadas pelos colonizadores, mas sua avó repassa um ensinamento importante, que é a cura da terra.

Essa cura remete ao compromisso dos seres humanos com a preservação do planeta, e a autora menciona que ao escrever a obra, pensou em todas as crianças indígenas do Brasil. O poder da ancestralidade e da identidade indígena é evidenciado nesta obra, em que a sabedoria da avó é

repassada à neta. Este livro foi escrito e ilustrado, sendo considerado também como um projeto artístico, nele, a tradição, mitos e histórias indígenas são trazidos.

Figura 6: Página do Livro *A Cura da Terra*.



Fonte: Eliane Potiguara, 2015.

Ao analisarmos as obras de Eliane Potiguara, podemos identificar como ela habilmente resgata e reinterpreta mitos e histórias da tradição indígena, reforçando a ancestralidade como parte integrante da identidade indígena contemporânea. Ainda sobre a obra *A Cura da Terra*, percebe-se que está envolta em um universo mitológico, pois as frutas e a água ganham sentimentos humanos, como no seguinte trecho:

Até os alimentos ficaram tristes por não poderem servir mais aos humanos de forma coletiva e agradável. Acabaram fugindo para não serem consumidos. As águas corriam mais rápidas do que o normal pelos leitos dos rios porque não queriam mais matar a sede de ninguém naquela aldeia. Quando eram recolhidas, choravam até evaporar (Potiguara, 2015, p. 14-15).

Nas obras de Eliane Potiguara, é evidente o cuidado em trazer à tona elementos míticos e narrativas tradicionais indígenas. Ela não apenas resgata essas histórias, mas também dá novos contextos em cenários contemporâneos.

Personagens e elementos lendários ganham vida em suas páginas, permitindo que o leitor trace conexões entre o passado e o presente, que fortalece a ancestralidade. Isso não apenas enriquece as narrativas, mas também enfatiza a continuidade das tradições indígenas ao longo das gerações.

No entanto, analisando a escrita de Eliane Potiguara, percebe-se que vai além da mera representação de mitos ancestrais. Ela utiliza a língua, os costumes e as tradições indígenas como elementos fundamentais na construção da identidade indígena em seus textos. Ao fazer isso, ela ressignifica conceitos culturais, demonstrando que a identidade indígena é dinâmica e capaz de se adaptar às realidades contemporâneas. Eliane Potiguara também aborda questões atuais, como a luta por direitos territoriais e a preservação das línguas indígenas, destacando a importância dessas lutas na construção da identidade indígena.

Além disso, é fundamental contextualizar a obra de Eliane Potiguara dentro do panorama literário brasileiro. Ela representa uma voz única e autêntica na literatura brasileira, trazendo perspectivas e experiências indígenas que muitas vezes são negligenciadas pela literatura dominante, conforme visto no tópico anterior. Sua contribuição é vital para a promoção da diversidade cultural na literatura do país, desconstruindo estereótipos e enriquecendo o cenário literário com narrativas ricas e autênticas.

Quanto ao feminismo presente em sua produção literária, destaca-se que, historicamente, a mulher foi marginalizada, e Eliane fez ascender suas vozes na luta pelo direito de fala, de participar, de escrever. Oliveira, Webber e Gastaldin (2022, p. 26) afirmam que: “Desde nossa condição colonial inicial, o patriarcado imperante qualificou as mulheres a um lugar de menor prestígio, lançando em especial as mulheres negras e indígenas ao último lugar da base da pirâmide social”. Eliane em sua narrativa, luta pelo reconhecimento da mulher e para que ocupem seus papéis de direito na sociedade, deixando de ser objetos sexuais, meras reprodutoras, para assumir, por exemplo, papéis políticos.

### 3.2.A FORTUNA CRÍTICA

A crítica brasileira entre os anos de 40 e 70, evidenciada por Lima (2011) foi sendo modificada, e “o modelo de crítica foi sendo substituído, passando do

colunista, ao acadêmico, até surgir o teórico literário”. Com isso, entre os anos de 40 a 50, a crítica era utilizada geralmente por bacharéis, sem formação específica, no formato de crônicas e resenhas, publicadas em jornais, um texto livre de métodos e breve. Do final da década de 50 ao início da década de 70, após a criação das faculdades de Letras, surge a crítica acadêmica.

A partir disso, nota-se que essa mudança na crítica literária abre espaço para novas vozes, como a de Eliane e outros escritores indígenas, que antes marginalizados, não expunham sua opinião de maneira crítica, mas a partir da valorização da diversidade de perspectivas, conquistaram espaço. Diante deste cenário, estudos críticos foram sendo realizados no decorrer do tempo, em diversas áreas do conhecimento e por diversas pessoas, com formações superiores ou não, mas que tinham algo a acrescentar com sua visão às obras, pesquisas e diversos estudos publicados.

É notável a importância da escrita de autores indígenas para a literatura indígena em si, que conforme descrita anteriormente, era realizada a priori por autores não indígenas, e com isso, as obras de Eliane e outros escritores contribuem de maneira única ao debate cultural e literário no país, abrindo espaço para diversos estudos e pesquisas a partir de suas obras, o que conduz a uma fortuna crítica numerosa e bastante importante. Diante desse cenário, a quantidade de estudos acadêmicos destinados à análise da narrativa de Eliane Potiguara é extensa, o que reflete a valorização de sua obra e de sua voz como indígena brasileira.

Outrossim, com o desenvolver de estudos críticos no decorrer do tempo, em diversas áreas do conhecimento e por diversas pessoas, com formações superiores ou não, mas que tinham algo a acrescentar com sua visão às obras, pesquisas e diversos estudos foram publicados. Nesse sentido, destaca-se que discorrer sobre a fortuna crítica de um autor, é buscar tudo que se tem escrito e publicado sobre suas obras, sua vida e sua fala, e com isso, neste item será levantada a fortuna crítica de Eliane Potiguara através de uma pesquisa realizada no Google Acadêmico e na Scientific Electronic Library (SciELO).

A fortuna crítica refere-se a um conjunto de estudos e análises publicados sobre um autor ou obras específicas. A definição dada pelo Dicionário Informal online (2020) é: “Referem-se aos estudos de natureza acadêmica voltados, a

uma obra ou autor específico”, que no caso do estudo em questão, trata-se da fortuna crítica de Eliane Potiguara.

A obra da autora em questão possui grande relevância na literatura indígena, sendo muitas vezes alvo de produções e análises acadêmicas, jornalísticas, dentre outras. Obras como *A Terra é a Mãe do Índio* (1989), *Metade Cara, Metade Máscara* (2004), *O Coco que Guardava a Noite* (2015), *O Livro das Águas* (2019) e *A Cura da Terra* (2020) possuem uma recepção positiva na literatura, o que é demonstrado através do reconhecimento recebido e pela vasta quantidade de produções acadêmicas que se debruçam sobre seus textos.

Com isso, foi realizada uma busca nas bases de dados informadas acima, utilizando a palavra-chave “Eliane Potiguara”, e com isso foram encontrados no Google Acadêmico 2.040 resultados no dia 18 de setembro de 2024. No Scielo, foram encontrados apenas 4 resultados para este descritor. Para realizar as buscas, não foram delimitados idioma ou data de publicação, buscando em todos os anos e idiomas disponíveis.

Vale ressaltar que os trabalhos encontrados na Scielo se repetem no Google Acadêmico, portanto, o total de trabalhos encontrados sobre Eliane Potiguara é de 2.040 resultados. Dentre os temas mais relevantes que envolvem Eliane Potiguara, destaca-se análises críticas de suas obras, estudos literários ameríndios, estudos sobre temáticas indígenas, temas ligados à terra, preservação do meio ambiente, como também questões sobre cultura, identidade, descolonização, valorização da ancestralidade, oralidade e transmissão de saberes, gênero e feminismo indígena, justiça e resistência.

Um trecho retirado de um dos estudos sobre literatura ameríndia, que cita a obra de Eliane Potiguara, menciona:

Eliane Potiguara está entre as primeiras a assumir a tarefa de descolonização de sua etnia, dando voz, pela primeira vez, em toda a história da literatura brasileira, àqueles que, embora tenham sido protagonistas da História do Brasil, foram silenciados durante todos estes anos. Merece destaque a dimensão híbrida da escrita de Eliane Potiguara, sublinhando em seu livro *Metade cara, metade máscara*, de 2004, o ponto de vista da mulher indígena que assume-se como sujeito da enunciação (Bernd, 2020, p. 2).

Entretanto, esses e outros temas são destacados com frequência como fundamentais para compreender a obra de Eliane Potiguara, bem como o papel que a autora assume na literatura brasileira. Outros aspectos também são explorados, como o papel da oralidade na transmissão dos saberes, a resistência ao apagamento cultural indígena, também a denúncia das injustiças históricas sofridas pelos povos indígenas.

Sobre a presença de Eliane no movimento indígena literário, Krenak (2019) discorre que:

Eliane Potiguara com sua instigante presença, no nascente movimento de ideias que veio configurar o Movimento Indígena, foi essa voz mulher extemporânea, marcando a diferente visão de gênero, que nós seus irmãos de luta, todos formados no mundo masculino, tínhamos dificuldade de entender. Com seus textos políticos, incitando a luta contra o colonialismo e racismo institucional, esta guerreira *avant la lettre*, chegou falando aos Kurumim, alfabetizando em línguas estranhas e pagãs, convocando para outras poéticas da Terra Mãe, uma longa jornada até publicar *Metade Cara, Metade Máscara*, seu livro totem que veio para firmar a escrita feminina contemporânea indígena (Krenak, 2019, p.12).

A citação de Ailton Krenak destaca a relevância de Eliane Potiguara como uma voz feminina e indígena essencial no Movimento Indígena brasileiro, sobretudo por sua capacidade de romper com visões de gênero restritivas que moldavam o movimento em seu início. Krenak descreve Potiguara como uma presença "extemporânea", indicando que ela representava algo à frente de seu tempo, desafiando convenções e abrindo novos caminhos para o entendimento da identidade indígena a partir de uma perspectiva feminina. Ao fazer isso, Potiguara trouxe uma dimensão que até então não era plenamente compreendida pelos "irmãos de luta" formados em um contexto predominantemente masculino. Sua atuação aponta para a complexidade das relações entre identidade, gênero e cultura, revelando as nuances da experiência indígena para além dos estereótipos e do olhar patriarcal.

Com sua escrita e ações, Potiguara não apenas lutou contra o colonialismo e o racismo institucional, mas também assumiu a missão de alfabetizar as futuras gerações de indígenas, resgatando e preservando saberes ancestrais em uma espécie de fusão entre culturas. Seu trabalho envolveu o

resgate da espiritualidade e do respeito pela "Terra Mãe", incorporando valores indígenas em uma linguagem compreensível por diversos públicos, mesmo aqueles que desconheciam essas tradições. Em *\*Metade Cara, Metade Máscara\**, ela simboliza essa união de vozes e visões, firmando-se como um "livro totem" — um marco literário e cultural que celebra a escrita indígena feminina contemporânea, ao mesmo tempo em que afirma uma poética própria que dialoga com o passado e o presente, perpetuando a herança indígena em contextos modernos.

Com isso, percebe-se que, além do que já foi descrito, muitos estudos com temáticas feministas ou ligadas à presença da mulher na literatura indígena, na denúncia à violência, na política e na cultura, incluem Eliane Potiguara em suas escritas. Considerando o volume e a qualidade dos estudos produzidos sobre a obra de Eliane Potiguara, é evidente sua importância nos estudos de literatura indígena e brasileira contemporânea.

A obra aqui analisada, *Metade cara, metade máscara* (2018), é definida por diversos autores como uma obra difícil de ser classificada, combinando gêneros como contos, crônicas, autobiografia, poesias, além das diversas narrativas orais de Eliane. Com isso, percebe-se que a obra possui gêneros literários mistos, mesclando as narrativas orais com um contexto de militância, ativismo, ancestralidade, dentre outras questões.

Quando pesquisado sobre as publicações acerca da obra *Metade Cara, Metade Máscara*, os resultados apontam para aproximadamente 31.300 resultados no Google Acadêmico, o que demonstra a quantidade de estudos que envolvem de certa maneira a temática indígena descrita na obra em seus escritos. Delinear a escrita de Eliane Potiguara é importante para entender a obra em questão, e com isso, destaca-se que sua escrita transita entre a poesia e o testemunho, e que utiliza a literatura como um espaço de resistência de sua identidade, de seu povo. Em seu modo de escrever, estão interligados símbolos e imagens que destacam elementos naturais, experiências coletivas, que remetem a uma cosmovisão indígena.

A partir disso, a obra de Eliane é valorizada não só pelo conteúdo literário em si, como também por suas diversas contribuições ao resgate e preservação da memória coletiva, tendo em seu testemunho uma voz potente e resistente. Contudo, é destacado em alguns estudos, como os de Figueirêdo (2013), que

ainda há a necessidade de mais vozes indígenas como as de Eliane na literatura indígena feminina no Brasil, e com isso destaca que essa ausência “não corresponde à realidade social do país, mas é compatível com o fato de os autores publicados [...] serem, na sua maioria, homens brancos” (Figueiredo, 2013, p. 151).

Diante disso, mais uma vez a importância da narrativa feminina de Eliane é destacada, pois em meio a ausência de uma quantidade significativa de estudos em que a voz feminina ganhe destaque, a voz de Eliane por meio de sua escrita é colocada. Julie Dorrico, outra escritora indígena, dentro da obra *Metade Cara, Metade Máscara*, destaca que na contemporaneidade, a escrita indígena comporta uma multiplicidade de vozes, de temas, tradições, e que são orientados pela ancestralidade indígena. Completa dizendo que:

Nesse sentido, a autoria individual de Eliane Potiguara, na obra *Metade cara, metade máscara* (Global, 2004), não poderia apresentar-se a partir de uma enunciação unívoca e individualista, posto que adveniente de uma ação/história/pertença coletiva valoriza a comunidade, ao mesmo tempo em que reconhece o sujeito de autoria feminina enquanto protagonista nesse projeto literário (Dorrico In: Potiguara, 2018, p. 17).

Ou seja, considera a escrita de Eliane como importante no cenário literário indígena feminino, ainda menciona a valorização da comunidade ao mesmo tempo que sua obra é de autoria individual. Com isso, sua autoria é influenciada pela coletividade indígena a qual faz parte e sua narrativa vai além de si mesma, abrindo espaço para ouvir outras vozes indígenas, além da sua.

#### 4. *METADE CARA, METADE MÁSCARA: NARRATIVAS INDÍGENAS DE ELIANE POTIGUARA*

BRASIL

Que faço com a minha cara de índia?

E meus cabelos  
E minhas rugas  
E minha história  
E meus segredos?

Que faço com a minha cara de índia?

E meus espíritos  
E minha força  
E meu Tupã  
E meus círculos?

Que faço com a minha cara de índia?

E meu Toré  
E meu sagrado  
E meus “cabocos”  
E minha Terra?

Que faço com a minha cara de índia?

E meu sangue  
E minha consciência  
E minha luta  
E nossos filhos?

Brasil, o que faço com a minha cara de índia?

Não sou violência  
Ou estupro  
Eu sou história  
Eu sou cunhã  
Barriga brasileira  
Ventre sagrado  
Povo brasileiro.

Ventre que gerou  
O povo brasileiro  
Hoje está só...  
A barriga da mãe fecunda  
E os cânticos que outrora cantavam  
Hoje são gritos de guerra  
Contra o massacre imundo  
(Potiguara, 2018, p. 32-33).

#### 4.1.A ANCESTRALIDADE

A ancestralidade é um fenômeno fundamental nas narrativas indígenas, ela é intrínseca à experiência de ‘estar no mundo’, relacionada à tradição, sempre defendida e, através da qual, se pretende garantir a manutenção da vida, da história e da memória de cada povo. Ou seja, a ancestralidade reside no encontro do passado com o presente, e com isso, entende-se que “O passado se une ao agora, ao presente. Não há nenhuma possibilidade de um indígena chorar o passado, pois ele sabe que esse tempo é memorial” (Munduruku, 2018, p. 88-89).

A oralidade se conecta com a ancestralidade, pois mantém vivos os ensinamentos dos antepassados. Contudo, a escrita democratiza o acesso à informação, à cultura dos diferentes povos indígenas, e “Sua escrita apresenta um comprometimento com sua identidade e cultura (Silveira, 2019, p. 4). Uma escrita de luta e empoderamento das vozes indígenas. Silva Filho e Sales (2020) contribuem mencionando que da oralidade à escrita, as literaturas originadas de indígenas resultam da ancestralidade e reforçam a identidade e a memória, e diversos são os autores indígenas que fortalecem o conhecimento dos ancestrais através do texto escrito.

Este é um elemento primordial nas narrativas de Eliane Potiguara, principalmente na obra *Metade Cara Metade Máscara*, que está sendo discutida neste trabalho. Nesta obra, a autora explora os saberes ancestrais de seu povo e sua relação com a identidade indígena, conectando o passado ao presente. Eliane considera nesta obra que rememorar o passado está além de resgatar suas histórias, mas também é uma fonte de resistência e uma forma de empoderar-se quanto às adversidades coloniais.

A obra é dedicada a avó de Eliane, dona Maria de Lourdes, e foi inspirada nas cartas que ela recebia da avó. Está dividido em 7 capítulos, que abordam elementos como a valorização da natureza, identidade indígena e ancestralidade de seu povo, sendo um espaço de preservação cultural, ao mesmo tempo que integra elementos da vida contemporânea. O livro conta a história de um casal atemporal, chamados de Jurupiraca e Cunhataí, e no decorrer da obra o caráter literário se modifica, indo de narrativas míticas do casal a poemas e relatos da autora.

É possível ainda descobrir no livro a genealogia de Eliane, que conta sobre sua família desaldeada na Paraíba, sobre a precária situação que seus ancestrais viveram. Essa passagem é descrita por Figueirêdo (2018) como

A situação precária de seus ancestrais tem origem em um crime, a morte de seu bisavô, perpetrada por agentes de uma empresa inglesa que queria expulsá-lo da terra em que vivia; a viúva e suas quatro filhas foram obrigadas a deixar a aldeia e migrar para o Pernambuco (Figueirêdo, 2018, p. 3).

São vários os episódios narrados por Eliane em *Metade Cara, Metade Máscara* sobre os horrores sofridos por sua família. Relata a migração forçada que foi o motivo de sua família trocarem de estado, em busca de sobrevivência e paz. Esse processo migratório foi imposto pelos colonizadores, e ela descreve que: “Esse tipo de violência e racismo e a migração dos povos indígenas de suas áreas tradicionais merecem estudos, pois essas situações não têm visibilidade no país” (Potiguara, 2018, p. 29).

Várias são as lutas que Eliane Potiguara trava a favor de sua ancestralidade, narrada em um período pós-colonial, afirmando a existência de tradições indígenas na escrita, e uma escrita revolucionária, que ocorre em um cenário predominantemente masculino. Santos (2023) discorre que para o indígena, a escrita não está isolada da luta, da ancestralidade. Nesta obra, a autora entrelaça a resistência da cultura indígena e sua ancestralidade, o que incita a reflexão sobre a identidade indígena na contemporaneidade.

Na obra, a ancestralidade feminina está no centro da narrativa e age como um fio condutor, ligando a personagem Cunhataí à força espiritual e à sabedoria dos seus antepassados, evocada através de rituais e memórias que restituem a conexão com as raízes indígenas, o que incentiva à resistência ao mundo colonizado. Além de reconstituir a memória, a ancestralidade age como instrumento de cura e de força, expresso em momentos em que diz “escuta a voz ancestral” (Potiguara, 2019, p. 87).

A autora enfatiza que esta voz é a representação de uma ligação entre o passado, presente e o futuro, importante para fortalecer a identidade indígena e sobreviver no mundo colonizado e à alienação da identidade indígena. Sobre essa alienação, pode-se utilizar o conceito de Fanon (2008) em *Peles Negras*,

*Máscaras Brancas*, em que explica que o sujeito colonizado é obrigado a adotar uma identidade imposta, e isso sufoca sua essência. Na obra de Eliane, esse conflito entre a identidade original e a identidade forçada é exposto na ideia de “máscaras brancas” que ocultam as “caras indígenas”, distanciando-os de suas identidades espirituais.

A ancestralidade é evocada mais uma vez na obra de Eliane como uma força que guia os sujeitos da história, nesse cenário, os ritos são elencados como orações, cantos, oferendas e considerados uma maneira de manter viva a cultura, construindo um elo entre o passado e o futuro e possibilitando uma conexão com suas origens. Além disso, como forma de resistir aos desafios atuais enfrentados pelos indígenas, que, ao terem suas terras exploradas por “madeireiros, garimpeiros, latifundiários, mineradoras, caminhoneiros, empresários das hidrelétricas, rodovias, pistas de pouso, etc. (Potiguara, 2018, p. 43), migram para locais insalubres, aceitando empregos semiescravos.

O apagamento cultural também é denunciado na obra, quando menciona: “fazer uma viagem ao inconsciente coletivo em busca das nossas raízes étnicas, raciais, espirituais para fortalecer o nosso eu interior” (Potiguara, 2019, p. 96), ou seja, é necessário ouvir sua voz ancestral para preservar a cultura e resistir às forças do colonizador e do patriarcado. A protagonista, Cunhataí, representa uma mulher forte e resiliente, que usa de sua voz ancestral para transformar, se fortalecer e guiar outras mulheres indígenas em uma jornada de resistência. “Nós, mulheres dos segmentos dos povos indígenas e afrodescendentes, ainda aguentamos tanta violência porque não reforçamos a nossa mulher interna, a mulher selvagem que existe dentro de nós” (Potiguara, 2019, p. 88).

O corpo-terra é abordado na obra como um conceito que conecta o território ao corpo de maneira simbólica e de resistência, evidenciando que para o indígena, o território não se traduz apenas no espaço geográfico, mas em uma extensão de sua identidade e existência, carregando em si sua história, sua ética e a dignidade dos seus antepassados. Entretanto, preservar o território é também preservar o corpo e a memória indígena. “Território é cosmologia que passa inclusive pela ancestralidade” (Potiguara, 2019, p. 119).

A autora, ao falar sobre sua própria trajetória e a de sua família, revela como a celebração dos ciclos da vida fortalece a identidade indígena e resiste à assimilação forçada. Menciona que a mulher é uma fonte de energia, intuição, é

uma mulher selvagem não no sentido primitivo, mas sem os vícios da sociedade dominante, ou seja, que não perpetua a competição e dominação da sociedade contemporânea.

O poder dela é outro. Seu poder é o conhecimento passado através dos séculos e que está reprimido pela história. A mulher, intuitivamente, protege os seios e o ventre contra seu dominador e busca forças nos antepassados e nos espíritos da natureza para a sobrevivência da família. Todos esses aspectos foram mais preservados do que no homem (Potiguara, 2018, p. 46).

Ou seja, a ancestralidade indígena através da figura feminina revela-se protetora e, através dos espíritos da natureza e dos antepassados, transcende a opressão histórica, enraizada, contudo, a ligação com o sagrado, maior que a ligação masculina, revela-se fortalecedora e faz com que a mulher carregue em si a continuidade das tradições e saberes que a sociedade tenta silenciar.

#### 4.2. OS RITOS INDÍGENAS

Buscando a origem da palavra “rito”, encontra-se os estudos de Vilhena (2005), que busca no latim *ritus*, no sentido de ordem estabelecida, no grego *artus*, no sentido de harmonização e adaptação, e dentre outras investigações, em junção, considera:

O rito refere-se, pois, à ordem prescrita, à ordem do cosmo, à ordem das relações entre deuses e seres humanos e dos seres humanos entre si. Reporta-se ao que rima e ao ritmo da vida, à harmonia restauradora, à junção, às relações entre as partes e o todo, ao fluir, ao movimento, à vida acontecendo. A busca pela ordem e o movimento são elementos constitutivos dos rituais (Vilhena, 2005, p. 21).

É considerado por Guilouski e Costa (2012, p. 1) que “O rito é a práxis do mito”. Ou seja, é a manifestação concreta, a prática do mito, e enquanto o mito consiste em narrar e explicar elementos da existência indígena, como as origens, a natureza, a cultura, os valores, o rito é a materialização desses conceitos. Os ritos indígenas para o povo Potiguara são de grande importância e sua prática é ancestral, passada de geração em geração como mantenedor da cultura.

Os indígenas Potiguaras compõem um dos grupos que representam a diversidade cultural do Brasil. Essa denominação se deu a partir da população indígena que habitava o litoral do Nordeste Brasileiro, que, durante o século XVI, localizavam-se em João Pessoa, na Paraíba e São Luis, no Maranhão. Hoje, a maioria destes povos estão localizados entre os municípios de Rio Tinto e Baía da Traição. Entre as variantes para esta denominação, estão, “Potygoar, Potyuara, Pitiguara, Pitagoar, Petigoar, entre outros” (Moonen e Maia, 2008, p. 3), e sobre o significado do nome, o mais utilizado é 'pescadores de camarão' ou 'comedores de camarão'.

A obra de Eliane Potiguara retrata resistência desses povos durante séculos de luta, luta essa que além de exterminar inúmeros indígenas deste grupo, destruiu parte de sua cultura e levou este povo ao deslocamento de maneira forçada. Eliane, além de retratar em suas obras a luta e a resistência dos povos indígenas, destaca também ritos e práticas que ainda são cultivados, fazendo com que a identidade e a cultura potiguara sejam preservadas, seja nos ritos de cura, na conexão com os ancestrais ou celebração da vida, apesar da ameaça marcada pela colonização que gera consequências até os dias atuais.

O livro em análise, *Metade Cara, Metade Máscara*, discorre em uma narrativa sobre elementos culturais e espirituais ricos, presentes em diversos povos indígenas Brasileiros. Os Ritos presentes na obra evidenciam a importância da preservação da identidade dos personagens e da resistência cultural, a fim de manter a memória viva e reacender a chama da luta e resistência. Eliane destaca em sua obra que:

A colonização e a neocolonização, no entanto, são refletidas também por grupos de interesses religiosos que, ao longo da história do Brasil, vêm confundindo a cosmovisão indígena com ideologias e fundamentos alheios à realidade tradicional. Impor culturas dominantes é uma forma de racismo. O paternalismo oficioso e governamental e o paternalismo eclesiástico também são formas de racismo, por melhores que sejam as intenções. (Potiguara, 2018, p. 43).

Ou seja, além da ocupação física, a colonização trouxe aos indígenas Potiguaras a tentativa de dominação cultural, que inicialmente fora mediada por grupos religiosos, que buscavam substituir a cosmovisão indígena por valores e ideologias que não são condizentes com os ritos Potiguaras, e hoje essa luta, é

predominantemente política, apesar de haver extensas raízes religiosas e ideológicas.

Os ritos na obra de Eliane são evocados como algo sagrado, as memórias dos ritos são alicerces para as experiências e ações da autora, proporcionando não apenas uma ligação com o passado, mas também o fortalecimento diante dos desafios enfrentados na vida urbana e pela discriminação sofrida. Eliane denuncia, em um dos poemas contidos em sua obra, a tentativa dos colonizadores em apagar os ritos de sua família.

Não se apaga dos avós – rica memória  
Veia ancestral: rituais pra se lembrar  
Não se apagam largas asas  
Que o céu é liberdade  
E a fé é encontrá-la.  
Rogai por nós, meu Pai-Xamã  
Pra que o espírito ruim da mata  
Não provoque a fraqueza, a miséria e a morte.  
Rogai por nós – terra nossa mãe  
Pra que essas roupas rotas  
E esses homens maus  
Se acabem ao toque dos maracás  
(Potiguara, 2018, p. 34).

Esses ritos são diversas vezes ofuscados pela cultura do colonizador, contudo, ao manterem vivos, os indígenas Potiguaras mantêm seus propósitos. Os ritos são a manutenção dos mitos, a sua reprodução, necessários à perpetuação da devoção, da cultura. Os ritos Potiguaras são vinculados ao religioso e a ações do cotidiano, e de acordo com Silva (2011, p. 27) o rito cotidiano é “O pentear o cabelo, o escovar a boca, o tomar banho, sempre da mesma forma e no mesmo horário”. Ou seja, ações diárias. O rito sagrado é inseparável ao indígena, pois evocam seu lado religioso, à sua tradição, ligando o indígena ao divino, e vice versa. Ademais, os ritos podem diferenciar-se de povo para povo, aldeia para aldeia.

É relatado no estudo de Silva (2011) um trecho de uma conversa com uma indígena Potiguara da aldeia São Francisco, em Baía da Traição, sobre os diferentes ritos executados por indígenas Potiguaras, em aldeias diferentes. A indígena discorre que, por exemplo, o Toré dançado na Aldeia São Francisco (considerado um toré ritualístico) é diferente do Toré da Monte-Mór, pois a aldeia Monte-Mór, antigamente, não dançava Toré, influenciados fortemente e sob

pressão da Companhia de Tecidos Rio Tinto, não praticavam rituais indígenas, ou seja, o colonizador na tentativa de suplantar os costumes indígenas, ridicularizava o ato, de forma que os indígenas Potiguaras de lá, não o executassem e chegassem a caçoar do ato, negando suas origens.

Eliane em sua obra denuncia as práticas colonizadoras do homem branco, que tenta apagar a cultura indígena, o ritual sagrado dos indígenas, a ligação com a espiritualidade, com a terra. Ela considera a imposição da cultura dominante uma forma de racismo, completando que “Há de se respeitar a espiritualidade e as tradições de ritos dos povos indígenas (Potiguara, 2018, p. 43-44).

É importante destacar os ritos chamados “ritos de passagem” na história indígena Potiguara. De acordo com Matos (2014, p. 6) esses ritos referem-se a

marcadores temporais produzidos coletivamente, mas vividos por indivíduos específicos – e que têm como etapas constitutivas os momentos de “separação”, “margem” e “agregação”. Estas etapas são momentos ritualizados que, juntos, promovem mudanças na dinâmica social a partir do momento em que deslocam indivíduos de um espaço social para aloca-los em outro, mudando o status social destes (Matos, 2014, p. 6).

Na obra de Eliane, esses ritos são evidenciados em momentos de sua vida, na transição da infância para a vida adulta, da maternidade à morte, sendo acompanhada por rituais que conferem significado a cada uma dessas etapas. Esses ritos, em vários momentos, são ofuscados pelas forças coloniais, contudo, Potiguara resiste, mantendo seu senso de pertencimento e seu propósito. A autora nos momentos em que narra sobre a história de sua família, celebra os ciclos da vida em que a identidade indígena resiste à colonização forçada.

Os rituais de cura são descritos na obra quando menciona que sua avó, curandeira, que curava pessoas estranhas e também enfermidades de sua família, como cita no livro, tumores em sua neta, que foram tratados com “uma mistura de minhoca amassada, teia de aranha e visgo de jaca. Ela trocava essa composição diariamente, por um período de mais de quinze dias” (Potiguara, 2018, p. 25).

Os ritos indígenas apresentados na obra não são apenas práticas culturais, mas formas ativas de resistir ao colonialismo. Em alguns trechos é

possível perceber que Potiguara ressalta como a preservação desses ritos representa uma afronta direta ao apagamento da cultura indígena. As cerimônias, os cantos e as histórias que são transmitidas oralmente possuem o poder de desafiar as narrativas coloniais e com isso reafirmar a presença indígena na sociedade brasileira. Ao descrever as dificuldades que foram enfrentadas por sua família e outros povos indígenas, a autora mostra que os ritos são um símbolo de resiliência e de luta pelo reconhecimento.

A obra em questão, *Metade Cara, Metade Máscara* utiliza os ritos como uma estrutura que guia a narrativa e constrói os personagens. A Memória dos rituais praticados pela família da autora são alicerces e sustentam suas experiências e ações. Os ritos conduzem os personagens não apenas uma conexão com o passado, mas a uma base espiritual de fortalecimento diante dos desafios da vida urbana e da discriminação. A autora, ao utilizar uma linguagem poética e também uma estrutura narrativa, mesclando elementos autobiográficos com mitos e ritos, intensifica a importância da cosmovisão indígena na construção de uma identidade forte e resistente.

Para Eliane, “A coisa mais bonita que temos dentro de nós mesmos é a dignidade” (Potiguara, 2018, p. 87). E com isso, destaca a importância de, mesmo diante de diversos percalços, é importante perceber a boniteza que há em simples ações cotidianas da cultura de seu povo, que se constituem ritos indígenas. Ela cita:

O importante é prosseguir. É comer caranguejo com farinha, peixe seco com beiju e mandioca. É olhar o mar e o céu. E reverenciar os mortos, os ancestrais. É sonhar os sonhos deles e vê-los. É conviver com as “manias de caboco”, mesmo sufocados pela confusão urbana ou as ameaças agrestes, porque, na realidade, são as relações mais sagradas de nosso povo, porque são relações com a terra e com o Criador, nosso Deus Tupã. Bonito é vestir os trajes do Toré e honrar-se como se vestisse os trajes dos reis, e senti-los como a expressão máxima das relações entre o homem, a terra e Deus. É sentir o sagrado e o universo. O importante é crer e confiar, mesmo que, na noite anterior, tenham violado nossa casa ou nosso corpo. É preciso ouvir os velhos, o som do mar e dos ventos (Potiguara, 2018, p. 87).

Os ritos presentes na obra são elementos centrais da narrativa de Eliane Potiguara, pois, ao mesmo tempo que representam a resistência, também elucidam a memória e a identidade dos povos Potiguara. Não apenas conectam

os personagens a seus ancestrais, como lhes conferem força e propósito frente aos desafios impostos pelo colonizador e pela modernidade. A análise dos ritos na obra demonstra que são essenciais na compreensão da luta dos povos indígenas pela preservação de sua cultura, como também pela afirmação da identidade em um contexto que muitas vezes se revela hostil. Dessa maneira, a obra de Potiguara é um importante testemunho da riqueza cultural e espiritual dos povos indígenas e da necessidade de preservar e valorizar esses saberes.

#### 4.3. NARRATIVAS INDÍGENAS NA CONTRA-MÃO DO MEMORICÍDIO

Os grupos indígenas, como integrantes de culturas orais, sempre fizeram tradicionalmente sua literatura, que era repassada através de poemas e narrativas contadas de pais para filhos e carregada de ancestralidade (Furtado, 2022, p. 7).

O que é ser indígena no Brasil de 1950, quando nasce Eliane Potiguara? Antes de tudo, é existir sem identidade e ser, constantemente, quase engolido por políticas integracionistas de um Estado-nação que nega o ventre indígena. Até a CRFB/88, aos olhos do Brasil que se diz Ocidente, indígena é uma categoria transitória, um ser primitivo, selvagem e incivilizado, sem direito à autoria, que necessita de tutela estatal para inserir-se na civilização e enfim tornar-se brasileiro e civilizado (Deifeld, 2022, p. 22)

Esse trecho revela que durante séculos, a sociedade negava a identidade indígena, sua autonomia. As políticas criadas pelo Estado foram integracionistas, considerando o “ser indígena” como algo transitório, ou seja, através de um direcionamento correto das autoridades governamentais, abandonariam sua cultura e se tornariam cidadãos civilizados. O que se pode analisar neste fato é a perspectiva preconceituosa e colonialista, que considerava o indígena primitivo, selvagem, incapaz de exercer autonomia, cidadania.

O Brasil começa a reconhecer legitimamente a identidade indígena com a promulgação da Constituição Federal em 1988, e em seu artigo 129, inciso V, diz que o Ministério Público deve “V - defender judicialmente os direitos e interesses das populações indígenas” (Brasil, 1988, p. 82). Em seu artigo 515, § 1º, menciona que “O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo

civilizatório nacional” (Brasil, 1988, p. 126) e ainda legisla sobre a demarcação de suas terras.

Mas, o motivo da importância de destacar esses fatos neste capítulo, é considerar que a Constituição Federal marca uma ruptura histórica de práticas integrativas e colonialistas, reconhece a importância cultural dos povos indígenas na sociedade brasileira e atribui ao Estado o dever de protegê-los. Essa política contribuiu fundamentalmente para reverter a tentativa de apagamento cultural histórica da população indígena, e adicionalmente, em protesto contra o memoricídio, ou seja, da erradicação da memória do povo, obras como a de Eliane Potiguara emergem na tentativa de preservar e afirmar a identidade de seu povo.

Adentrando à uma discussão mais específica sobre a obra em questão, em *Metade Cara, Metade Máscara*, Eliane enfatiza a importância de recontar histórias, de preservar as tradições ameaçadas no decorrer dos tempos e de dar voz e autonomia ao povo indígena, valorizando sua cultura, saberes e reafirmando sua dignidade. Ao narrar suas experiências pessoais, a autora enfatiza que sua avó foi uma pessoa essencial na sua formação e conexão com os antepassados, fazendo com que pudesse, através de sua escrita, perpetuar sua cultura.

Durante a minha infância, adolescência e juventude, sempre fui uma leitora dos lábios de vovó que nada me escondeu sobre as lendas, as histórias e sua oralidade me tornava uma conhecedora da cultura de meu povo indígena. Ao lado disso, lia livros, incentivada pela minha família e pela escola onde estudava. Elas, avós, mães, tias e primas todas analfabetas me incentivavam ao estudo para que eu me tornasse uma professora, o sonho delas (Potiguara, 2018, p. 118-119).

A escrita de Eliane é sobre suas vivências, ela coloca-se no mundo literário para narrar a vida de seus ancestrais, suas experiências, lutas, costumes e cultura. É pontuado por Ribeiro (2020) que a esta literatura não é recente, ou nova, mas que até pouco tempo era desconhecida. Menciona ainda que a escrita da literatura indígena é uma “escre(vivência)”, e que esses escritos são idealizados sob duas vertentes, a de escrever um livro e tê-lo em suas mãos, e a de encontrá-lo em livrarias. É uma luta desigual com escritores que não são

indígenas por um espaço na literatura, em que “[...] abrem na mata escura das editoras e do mercado elitizado a conquista de seu livro impresso” (Ribeiro, 2020, p. 77).

A relação intergeracional mostrou-se essencial na transmissão de mitos e tradições de seu povo, que formaram sua identidade indígena. Sua família, apesar de analfabeta, incentivava Eliane desde a infância a um futuro diferente, com estudo, estudo esse que nos dias atuais serve de canal para a afirmação e preservação cultural, lutando contra o memoricídio.

com a cultura indígena recebida no gueto familiar, o amor e a dedicação que tinha aos livros, Potiguara (com i e não com y) foi crescendo. Sua avó, analfabeta, sempre solicitava que a menina, já com 7 anos, escrevesse cartas a uma determinada pessoa na Paraíba e sempre chorava ao receber as respostas. [...] Foi assim que Potiguara começou a escrever, absorta nas histórias da própria avó e no sentimento que tudo isso envolvia. As histórias reais da sua avó a levavam para um mundo mágico e literário. Quando a “encarcerada domiciliar” se tornou professora primária, “o orgulho da família pobre, indígena e desaldeada”, a sua consciência crítica estava borbulhando a ponto de explodir. (Potiguara, 2019, p.26-27).

A trajetória de Eliane revela que “o orgulho da família pobre, indígena e desaldeada”, marca uma inflexão em sua vida, sendo o ponto de partida para o desenvolvimento de sua consciência crítica, que a impulsionou a desafiar as narrativas opressoras que tentavam silenciar as vozes e culturas de seu povo. Diante disso, é possível notar sua produção literária e seu ativismo se entrelaçando, pois posiciona-se como uma agente de transformação e justiça social, utilizando sua escrita para gerar visibilidade às questões indígenas e quebrar estereótipos que permeiam a percepção sobre estes povos há muito tempo.

No quarto capítulo da obra analisada, com título “Influência dos ancestrais na busca pela preservação da identidade” (p. 85), Eliane trata sobre o feminino e a força do conhecimento ancestral. Eliane destaca a violência sofrida ainda nos dias atuais pelas mulheres indígenas e afrodescendentes, indicando que esta violência será superada ao conectar-se à mulher primitiva que há em si, no sentido de primeira, e não selvagem. Ressalta que a força para essa superação vem da herança ancestral, mas entre as indagações, desperta:

Como purificar a persona que existe em nós, com tantos vícios impostos pelo sistema político e econômico que nos discrimina, nos oprime, nos mata e torna a nossa autoestima deplorável, fazendo com que aceitemos, pacíficas, durante séculos, a violência, seja física, psicológica, sexual, mental e até espiritual (Potiguara, 2018, p. 89).

Para que isso seja alcançado, a autora considera que a tocha do conhecimento ancestral deve ser reavivada dentro de cada um intensamente e frequentemente, para que não caia no esquecimento. Ela menciona que “O nosso cérebro, fisicamente, guarda espaços e tradições jamais alcançados” (p. 90), e com isso, deve-se utilizar dessa vantagem para despertar da escuridão mental e espiritual, deixando fluir a força ancestral, para que sejam resgatados os conceitos e princípios dentro de si.

Graúna (2014) afirma que a literatura produzida por indígenas, como Eliane Potiguara, alimenta a resistência, a ancestralidade, assim como denuncia horrores enfrentados pelos indígenas.

Essa literatura pode ao mesmo tempo alimentar sua resistência nas favelas ou se fortalecer em meio ao sagrado toré onde quer que aconteça. Fruto da experiência com o barro, com as ervas, com as sementes, com as folhas das palmeiras, com os cantares e os lamentos do mundo animal; com o espírito vigilante dos protetores das matas; com a sofreguidão das árvores decepadas pela serra elétrica; com as aldeias destroçadas pelo agronegócio, a literatura indígena faz parte de um mundo que, infelizmente, muitos desconhecem (Graúna, 2014, p. 55).

Este trecho demonstra que a literatura indígena é enriquecida e também influenciada por experiências com a natureza, com a espiritualidade. Pontua também a defesa do meio ambiente, referindo-se à destruição causada pela serra elétrica, ou seja, é uma forma de lutar contra esses problemas ambientais. O mundo literário indígena é muitas vezes negligenciado, contudo, necessário à resistência contra a violência, em favor da preservação e demarcação do território, valorização da cultura e da ancestralidade.

Neste capítulo, Eliane destaca um poema escrito em 1975 para seus avós, chamado identidade indígena. No poema, evoca a memória e a fala de seus avós, a sabedoria ancestral, e essa referência enfatiza o conhecimento

repassado de maneira oral, as narrativas de seus antepassados que ressoa em seus ouvidos, em sua escrita e militância. O poema trata da luta e resistência dos povos indígenas contra a opressão e marginalização cultural, conta com um tom de esperança, em que, ao assumir e perpetuar a identidade indígena, marcas de fome, exploração, exclusão, morte e outras mazelas serão apagadas.

E não passaremos mais fome  
Fome de alma, fome de terra, fome de mata  
Fome de História  
E não nos suicidaremos  
A cada século, a cada era, a cada minuto  
E nós, indígenas de todo o planeta,  
Só sentiremos a fome natural  
E o sumo de nossa ancestralidade  
Nos alimentará para sempre  
E não existirão mais úlceras, anemias, tuberculoses  
Desnutrição  
Que irão nos arrebatá  
Porque seremos mais fortes que todas as  
células cancerígenas juntas (Potiguara, 2018, p. 114).

Para Eliane, rememorar suas raízes, os ensinamentos de seus antepassados, trazia a força necessária para seguir em meio a uma sociedade que não respeita suas vivências. Em outro poema, de título “Eu não tenho minha aldeia”, ela menciona que não tem sua aldeia física, mas possui a aldeia espiritual que foi repassada por gerações, e que “A maior herança indígena. Essa casa espiritual. É onde eu vivo desde tenra idade” (Potiguara, 2018, p. 151), ou seja, não há território físico, mas há o espiritual, a chama que guia sua resistência, a voz que vai contra ao memoricídio. Eliane afirma que sua aldeia é seu coração ardente, é a casa de seus antepassados.

Em uma análise geral sobre o apagamento cultural destacado nesta obra, considera-se que Eliane utiliza de sua narrativa para honrar e para trazer à tona suas histórias de vida e de seus antepassados, enfatizando a todo momento a importância de considerar nas vivências diárias os ensinamentos e as tradições que foram repassadas por gerações. As narrativas orais neste cenário são fundamentais para a manutenção desta cultura e são resgatadas na obra de Eliane, servindo como um canal de transmissão para os mitos e os ritos, assim como os valores, o que promove um sentimento de pertencimento e de identidade entre os membros da comunidade indígena.

Eliane desafia as representações estereotipadas e opressoras colocadas pelos colonizadores sob a população indígena, posicionando-se contra a desumanização que ocorre com este povo e contra a tentativa de apagamento cultural. Eliane resiste, através de sua escrita e de seus posicionamentos políticos, reivindica seus espaços de direito, sejam eles físicos ou na narrativa da história do Brasil. Essas narrativas não empoderam apenas a si mesma, mas a todas as vozes indígenas, afirmando a dignidade que há na cultura e na história de seu povo.

Demonstra que seu povo é digno de respeito, de reconhecimento, é digno de suas terras, de manter sua cultura, seus ritos, e a afirmação dessa identidade é uma maneira que encontrou de combater o memoricídio, promovendo a valorização da cultura indígena no cenário contemporâneo. Eliane inspira através desta obra, como de vários outros escritos seus, que as novas gerações de indígenas se posicionem e lutem pela preservação cultural. Em suas palavras, nota-se o ecoar da necessidade de um verdadeiro reconhecimento histórico, que desafia as narrativas históricas de não-indígenas que silenciam as vozes indígenas.

Ao expor sua vida, suas experiências, as vivências de sua família, de seu povo no geral, Eliane abre um espaço de diálogo e de reflexão, fazendo com que os indígenas sejam lembrados como parte integrante da história do país, indo além da profissão de escritora, mas servindo como porta-voz da luta indígena para uma infinidade de vozes que foram silenciadas, e outras tantas que ressoam baixinho, mas que se incentivadas, serão instigadas, gerando um movimento de valorização e reconhecimento que resgata a memória coletiva e celebra a resistência cultural.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a obra *Metade Cara Metade Máscara* de Eliane Potiguara, buscando compreender as diversas camadas culturais, sociais e políticas presentes nas narrativas indígenas. A obra se revelou um campo fértil para a reflexão sobre a importância da literatura como meio de resistência e preservação cultural dos povos indígenas, especialmente no que diz respeito à identidade Potiguara. Este estudo se propôs a contribuir para a discussão acerca da literatura indígena como espaço de luta e expressão das vozes que, por muito tempo, foram silenciadas no contexto brasileiro.

Durante a análise, constatou-se que a literatura indígena possui vasta importância para a resistência cultural. Isso se dá porque, historicamente, os povos indígenas eram apresentados sob visões reducionistas e estereotipadas, perpetuadas pelo colonizador. A Literatura de Eliane coloca-se como uma contranarrativa desafiando as visões coloniais e oferecendo uma perspectiva diferente, exaltando a cultura, a história e a espiritualidade indígena através de um olhar e de um sentimento indígena.

A obra aqui destacada é uma grande contribuição para a literatura indígena contemporânea pela qualidade e também pela relevância política e social. Através de sua narrativa, Eliane revisita o passado através de temas que, no presente, ainda são urgentes à discussão, oferecendo subsídio para a formulação de uma consciência crítica no leitor acerca das questões culturais indígenas e da ancestralidade, que é um elemento central na obra.

A valorização do ancestral é abordada na obra através de uma força que conecta o passado ao presente, preparando para o futuro, e a relação que é estabelecida com a ancestralidade é essencial no desenvolvimento da identidade dos povos indígenas, um vínculo que auxilia Eliane em sua trajetória de vida, levando-a a resistir aos processos que levam ao apagamento cultural. No resgate às memórias de suas antepassadas, em especial de sua avó, é destacada a importância da transmissão dos saberes tradicionais, empoderando e valorizando a identidade indígena. É importante destacar que esse processo é importante tanto para manter a cultura viva, como para fortalecer as comunidades indígenas ainda existentes no enfrentamento dos desafios contemporâneos.

Os ritos indígenas, destacados na obra e descritos neste estudo, são tratados pela autora com profundidade e grande importância, mantendo a coesão social dos povos indígenas. Esses ritos ligam o indígena ao sagrado, à terra e à espiritualidade, constituindo-se como manifestações da resistência cultural e muitas vezes são alvos do apagamento, mas Eliane destaca a importância de mantê-los vivos, tornando-os o alicerce da comunidade. Dessa maneira, pode-se considerar os ritos não apenas manifestações culturais, como também a reafirmação da identidade e da resistência em anos de repressão cultural pelas forças colonizadoras.

Outro ponto importante destacado neste estudo foi a Lei nº 11.645/2008 que trouxe a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena para a Educação Básica, o que representou um grande avanço na visibilidade da causa da população indígena no país, fazendo com que, através do estudo da cultura indígena, as pessoas sejam conduzidas de maneira consciente e respeitosa a reconhecer as contribuições da população indígena como raízes culturais do Brasil.

Eliane contribuiu na disseminação da literatura indígena e possibilitou que as histórias indígenas fossem contadas pelos próprios, sem intermediários que poderiam distorcer a realidade. Ela denomina essa prática de “escrivência”, e através dela, denuncia as injustiças e violações sofridas por sua família e por toda a população indígena. Sua escrita age como uma ferramenta de transformação social que promove a reflexão crítica e o fortalecimento da identidade. Todas essas análises são possíveis ao considerar os diversos gêneros que Eliane dispõe na obra, indo da narrativa a autobiografia ou à poesia.

Seu tipo de escrita promove um diálogo entre a tradição e o novo, colocando em destaque o protagonismo das mulheres de sua família, historicamente silenciadas, analfabetas, contudo, dotadas de um saber histórico, ancestral, repassado através da oralidade. Em meio a violências de diferentes tipos, sejam elas físicas, psicológicas, sexuais, as mulheres de sua família, assim como diversas outras mulheres indígenas, perseveram, resistem, confiam na mulher primitiva que carregam em si, entregando suas forças e afluindo a espiritualidade ao sagrado, esperançosas.

Diante desse cenário, a obra *Metade Cara, Metade Máscara* convida seus leitores a refletir diversos temas, seja a ancestralidade, a identidade indígena, o

feminismo indígena, dentre outros elencados neste estudo, explorando a dor e a luta desta população, principalmente das mulheres. Em um mundo globalizado e dominado por culturas colonizadoras, destaca-se a importância da manutenção dos ritos e mitos Potiguaras, da força e da resiliência, na contramão do memoricídio.

Ainda que haja avanços significativos na luta pela visibilidade indígena, em seus diversos aspectos, sejam culturais, educacionais, políticos, ainda há desafios contemporâneos. A presença de vozes como a de Eliane contribui para que existam políticas públicas que beneficiem a população indígena, que possui necessidades diferentes das da população não indígena, e no cenário literário, ainda há um enorme espaço a ser preenchido e uma larga caminhada pela frente, destruindo o preconceito e a estigmatização que ainda nos dias atuais estão impregnados na sociedade.

Este trabalho cumpriu seus objetivos, pois demonstrou a valorização da ancestralidade por Eliane Potiguara na obra em destaque, que em toda a escrita, relembra momentos de sua vida e de seus antepassados, destacando a importância desta conexão, como algo sagrado e necessário para manter viva a chama de sua identidade. Utilizou sua escrita como uma ferramenta para perpetuar a cosmovisão indígena, representar sua espiritualidade e ancestralidade presente nos ritos como concretização dos mitos, lutando, insistindo, perseverando contra o apagamento cultural.

Ao construir este trabalho percebe-se a valiosa contribuição que estudos voltados a temáticas como estas dão tanto para a sociedade no geral quanto para o universo literário e de produções científicas. À sociedade, este trabalho contribui na descrição, explicação e conscientização da população em geral quanto à causa da cultura e identidade indígena, de seus ritos, sua forma de viver e suas dores causadas pela colonização e que nos dias atuais ainda não foram reparadas, ao contrário, novos desafios surgem a cada dia, como o preconceito, a estigmatização, a negação de suas terras e ainda persiste uma forte intenção de integrar o indígena a culturas que não pertencem.

À literatura indígena, este trabalho contribui abrindo cada vez mais espaço para escritores indígenas escreverem sobre suas vivências, de seus antepassados, para que compartilhem seus saberes e experiências enfrentadas no decorrer dos anos, denunciando a violência e em busca de reconhecimento

cultural e de todos os direitos garantidos como um cidadão indígena. Além disso, permitir que indígenas escrevam sobre sua história, é fazer com que a história seja escrita de forma autêntica, original e com propriedade, o que livra de distorções e fortalece e dá mais significado e credibilidade à narrativa.

Ao universo acadêmico, este trabalho contribui em oferecer um apanhado histórico sobre os povos indígenas Potiguaras, sobre sua cultura, sua escrita literária, sua oralidade repassada por gerações e a importância de manter viva a identidade deste povo, suscitando novos trabalhos e pesquisas com esta temática, principalmente entre estudantes e pesquisadores indígenas, ampliando ainda mais o acesso ao conhecimento científico estruturado a esses povos.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Marta Maria. Diagnóstico da população indígena no Brasil. **Cienc. Cult.** vol.60 no.4 São Paulo Oct. 2008. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252008000400010](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252008000400010). Acesso em: 25 set. 2024.
- BANIWA, G. J, dos S. L. **Educação para manejo do mundo: entre a escola ideal e a escola real no Alto do Rio Negro**. Rio de Janeiro: Contracapa/Laced, 2013.
- BARBOSA, Milena Veríssimo. SANTOS, Luciane Alves. Contando e (re)escrevendo mitos e lendas Potiguaras com alunos da EJA no litoral norte da paraíba. **Kiri Kerê: Pesquisa em Ensino**, n. 5, novembro 2018.
- BARBOSA, Milena Veríssimo. **Tradição, memória e identidade: as narrativas indígenas Potiguara (re)contadas nas aldeias Jacaré de César e Três Rios**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2021. 103 f
- BARCELLOS, L. **Práticas Educativo-Religiosas dos Potiguaras da Paraíba**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.
- BICALHO, P. S. dos S.; MACIEL, R. M. T.; OLIVEIRA, F. A. da S. O Dia do Índio na escola não indígena - uma tradição que precisa ser (des)inventada: Do Decreto-Lei Nº 5.540/1943 à Lei 11.645/2008. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, [S. l.], v. 16, n. 31, p. 102–128, 2022. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/historiaemreflexao/article/view/14839>. Acesso em: 5 set. 2024.
- BORNIOTTO, M. L. da S.; ALVES, R. de C.; FAUSTINO, R. C. **A Lei Federal nº 11.645/2008 e as pesquisas sobre formação e atuação de professores no período de 2008 a 2014**. Reunião Científica Regional da ANPED. UFPR, Paraná: 2016.
- BRANDÃO, J. Mitologia Grega, 2. ed., Petrópolis: Vozes, 1986. 3 vols.
- BRASIL, Presidência da República. **Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008**. Brasília, DF: 2008.
- BRASIL. **[Constituição (1988)] Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. 496 p.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996**.

CARDOSO, Thiago Mota; GUIMARÃES, Gabriela Casimiro (Orgs.). **Etnomapeamento dos Potiguaras na Paraíba**. Brasília: FUNAI/CGMT/CGETNO/CGGAM, 2012.

CARMONA, Raquel de Lourdes de Miranda e Silva. *et al.* Água de beber, água de benzer: mito e rito na espiritualidade Potiguara. **Revista Brasileira de Gestão Ambiental e Sustentabilidade** (2019): vol. 6, n. 13, p. 499-505. ISSN 2359-1412. Disponível em: <https://revista.ecogestaobrasil.net/v6n13/v06n13a17.pdf>. Acesso em: 20 set. 2024.

CARVALHO, E. M. D. S.; SANTOS, R. L. D. Literatura Indígena: entre memórias. **Educação Em Revista**, Belo Horizonte, v.39, e38419, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/t89qs8VFNXD66bM5Jg3NM5J/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 ago. 2024.

DEIFELD, Alessandra Gutteres. **Palavra-alma: o grito da terra em Eliane Potiguara**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Santa Catarina. Florianópolis, 2022. 147 p.

DICIONÁRIO INFORMAL. **Fortuna crítica**. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/fortuna%20cr%C3%ADtica/>. Acesso em: 18 set. 2024.

DORRICO, Julie. A fortuna crítica (da exclusão): Makunaimî na literatura indígena contemporânea. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**. Nº14, julho, 2022. Disponível em: [https://www.secsp.org.br/wp-content/uploads/2022/07/Dossie6\\_rev\\_CPF\\_N14\\_Semana22.pdf](https://www.secsp.org.br/wp-content/uploads/2022/07/Dossie6_rev_CPF_N14_Semana22.pdf). Acesso em 04 set. 2024.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** / Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 194.

FIGUEIREDO, Eurídice. Eliane Potiguara e Daniel Munduruku: por uma cosmovisão ameríndia. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 53, p. 291-304, jan./abr. 2018.

FURTADO, Francinilde Pereira dos Santos. Reflexões sobre literatura indígena e o viés feminista na obra “Metade cara, metade máscara”, de Eliane Potiguara. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, ano 28, n. 84, set./dez. 2022. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/1394/1458>. Acesso em: 08 set. 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

GRAÚNA, Graça. Literatura: Diversidade Étnica e Outras Questões Indígenas. **Todas as Musas**, n. 02, p. 52-57, jan./jun. 2014. Disponível em: <[https://www.todasasmusas.com.br/10Graca\\_Grauna.pdf](https://www.todasasmusas.com.br/10Graca_Grauna.pdf)>. Acesso em 17 de set. 2023.

GRAÚNA, Graça. Literatura: Diversidade Étnica e outras Questões Indígenas. **Todas as Musas**. Ano 05 Número 02 Jan-Jun 2014. ISSN 2175-1277. Disponível em: [https://www.todasasmusas.com.br/10Graca\\_Grauna.pdf](https://www.todasasmusas.com.br/10Graca_Grauna.pdf). Acesso em 02 set. 2024.

GUILIOUSKI, Borres; COSTA, Diná Raquel D. da; **Ritos e Rituais**. II JOINTH: Subjetivação Contemporânea e Religiosidade, 2012. Disponível em: <https://ntmblumenau.com.br/atvinfo2017/EBM%20Machado%20de%20Assis/4%20ano/Ereligioso/Rituais/ritos.pdf>. Acesso em: 08 set. 2024.

KRENAK, Edson. O indígena como usuário da lei: um estudo etnográfico de como o movimento da literatura indígena entende e usa a Lei nº 11.645/2008. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 39 n. 109, p. 321-356, set.-dez., 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/JY48whrPwyqKVCmdb9v9Z6f/?format=pdf>. Acesso em: 01 set. 2024.

LIMA, Pollyana Furtado. Fundamentos para um estudo da fortuna crítica de Thiago Mello. **REVELL** – Ano 2, v. 1, 2011. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/321/292>. Acesso em: 20 set. 2024.

LIMA, Sélvia Carneiro de. **Escritores indígenas e produção literária no Brasil: sujeitos em movimento**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, 2016. 165 f. Disponível em: <[https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1275/o/Tese\\_\\_S%C3%A9lvia\\_-\\_VERS%C3%83O\\_FINAL.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1275/o/Tese__S%C3%A9lvia_-_VERS%C3%83O_FINAL.pdf)>. Acesso em: 10 de set. 2023.

MARQUES, C. F. (Org.) **Lendas e causos do Povo Potiguar**. Editora UFPB: João Pessoa, 2009.

MARQUES, Cássio Ferreira; SIMAS, Cristina Pianço; SILVA, Paulo Roberto Palhano. **Histórias ancestrais do povo Potiguar**. João Pessoa: Clube de Autores, 2019.

MATOS, Rafael Leal. **Ritual e performance entre os índios Potiguar da Paraíba: conhecendo a briga de galos**. Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, Natal/RN, 03-06 ago. 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MONFARDINI, Adriana. O Mito e a Literatura. **Terra roxa e outras terras Revista de Estudos Literários**. Volume 5 (2005) 50-61. ISSN 1678-2054. Disponível em: [https://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g\\_pdf/vol5/v5\\_4.pdf](https://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol5/v5_4.pdf). Acesso em 5 set. 2024.

MOONEN, F.; e Maia, L. Mariz (orgs.), **Etnohistória dos índios Potiguara**, João Pessoa, PRPB/SECPB, 1992, pp. 93-149.

MUNDURUKU, Daniel. Escrita indígena: registro, oralidade e literatura: o reencontro da memória. In: DORRICO, Julie; DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco (Orgs.) **Literatura indígena brasileira contemporânea: autoria, autonomia, ativismo**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

MUNDURUKU, Daniel. Escrita indígena: registro, oralidade e literatura O reencontro da memória In: **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

OLVIEIRA, Renata Peixoto de; WEBBER, Maria Aparecida; GASTALDI, Carla da Conceição Moraes. A Saúde Emocional e o papel do CEEGED-UNILA para uma prática acolhedora e abordagem de gênero pelo viés interseccional em ambiente universitário marcado pelo paradigma da decolonialidade. IN: Costa, Iany Elizabeth da. **Gênero, Decolonialidade e Direitos Humanos: Diálogos insurgentes** / Iany Elizabeth da Costa, Lucas Lopes Oliveira (Organizadores). 1. ed. Foz do Iguaçu: CLAEC e-Books, 2022. 78 p. PDF – EBOOK

PACHAMAMA, Aline Rochedo. Autoria e ativismo de originários na escrita da História. In: DORRICO, Julie; DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco (Orgs.) **Literatura indígena brasileira contemporânea: autoria, autonomia, ativismo**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

POTIGUARA, Eliane. A cura da terra. São Paulo: Editora do Brasil, 2015.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. 3. ed. Rio de Janeiro: GRUMIN, 2019.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. 3. ed. Rio de Janeiro: GRUMIN, 2019.

RIBEIRO, Ademario. Literatura Indígena, ancestralidade e contemporaneidade: Vozes empoderadas. In: DORRICO, Julie; DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco (Orgs.) **Literatura indígena brasileira contemporânea: autoria, autonomia, ativismo**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

RIBEIRO, Ademario. **Poética Poranduba - Eco-Étnica**. Salvador: Editora do Autor, 2001.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Global, 2015.

RODRIGUES, Adriana Cristina Aguiar. **Literatura indígena: práticas leitoras para a sala de aula**. Rio Branco: Nepan Editora, Edufac, 2023.

RUSSO, Kelly; PALADINO, Mariana. A lei nº 11.645 e a visão dos professores do Rio de Janeiro sobre a temática indígena na escola. **Revista Brasileira de Educação** v. 21 n. 67 out-dez. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782016216746>. Acesso em: 29 ago. 2024.

SANTOS, Suzenilson da Silva. Museu Kanindé: Fórum de conhecimentos à ancestralidade indígena. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 10, n. 19, p. 1-20, jan./jun. 2021. DOI: 10.26512/museologia.v10i19.36178.

SANTOS, Waniamara de Jesus dos. **Daniel Munduruku: contador de histórias, guardião de memórias, construtor de identidades**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2014. 246 f. Disponível em: [https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/BRCRIS\\_0f17d2f0bef35532de1a8c1c4d8f8969](https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/BRCRIS_0f17d2f0bef35532de1a8c1c4d8f8969). Acesso em: 07 out. 2023.

SILVA FILHO, Joel Vieira da; SALES, Cristian Souza de. Metade cara, metade máscara: memória coletiva e identidade indígena na obra de Eliane Potiguara. **Boitató**, [S. l.], v. 15, n. 30, p. 62–74, 2020. DOI: 10.5433/boitata.2020v15.e41320. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/41320>. Acesso em: 10 set. 2024.

SILVA, Almir Batista da. **Religiosidade Potiguara: tradição e ressignificação de rituais na aldeia São Francisco. Baía da Traição-Pb**. João Pessoa, 2011.

SILVA, Elizângela Cardoso de Araújo. Povos indígenas e o direito à terra na realidade brasileira. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 133, p. 480-500, set./dez. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/rX5FhPH8hjdLS5P3536xgxf/?format=pdf>. Acesso em 12 de set. 2023.

SILVEIRA, Cássio. **Iracema e a Graciosa Ará: as metáforas e comparações entre personagens e natureza em “Iracema”**. Universidade de São Paulo, 2009. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. 190 f. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-23032010-103036/publico/CASSIO\\_SILVEIRA.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-23032010-103036/publico/CASSIO_SILVEIRA.pdf). Acesso em: 07 out. 2023.

SILVEIRA, Lilian Greice dos Santos Ortiz da. IDENTIDADE E ANCESTRALIDADE NA LITERATURA INDÍGENA. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Rio Grande, n. 2, p. 202-2012, maio/ago. 2019. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MigREN/article/viewFile/1823/1457>. Acesso em 12 de set. 2023.

SOARES, Laís Cristina. **Memórias e identidades indígenas na poética de Graça Graúna**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021. 106 f. Disponível em:  
<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/35081/3/Mem%c3%b3riasIdentidadesInd%c3%adgenas.pdf>. Acesso em: 07 out. 2023.

SOUSA, Damiana Pereira de. **A flecha e a caneta: a representação de natureza em Daniel Munduruku na obra “Sabedoria das águas” – a literatura indígena em questão**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019. 102 f. Disponível em:<  
<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/9964>>. Acesso em 10 de set. 2023.

SOUZA, Ely Ribeiro de. Literatura indígena e direitos autorais. In: DORRICO, Julie et al. (Orgs.). **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. p. 51-74.

STRAUSS, Claude Levi. A estrutura dos mitos. 1955. In: Antropologia Estrutural. STRAUSS, Claude Levi. **Mito e Significado**. Coletivo Sabotagem, 1978.

THIÉL, Janice. **Pele silenciosa, pele sonora a literatura indígena em destaque**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. 262 p.

VILHENA, M. A. **Ritos: expressões e propriedades**. São Paulo: Paulinas, 2005. Capítulo I.